

O PROTESTANTISMO BRASILEIRO

Estudo de eclesiologia e de história social (VI)

(Continuação)

CAPÍTULO VIII

O PROTESTANTISMO BRASILEIRO ATUAL. — O ESFÔRÇO CATÓLICO E OS PROBLEMAS DO CORPO PROTESTANTE.

Chegamos, assim, às imediações de 1930, data que se considera geralmente, na história geral e na história do Brasil, como o início do período atual. Ela o é, também, no que diz respeito à história do protestantismo brasileiro. Nessa época tôdas as suas grandes denominações estão há muito organizadas, e já passaram a crise da maioridade. As primeiras fabulações dos eternos problemas eclesiásticos e religiosos perderam muito da sua acuidade, com o desaparecimento dos homens que por elas se haviam apaixonado. Estando já há vinte anos de distância dessa data, podemos afirmar que uma nova era se abriu então para o protestantismo brasileiro; e já decorreu o tempo suficiente para que possamos caracterizá-la.

As circun- A fraqueza numérica do clero católico, trazendo como consequência esmorecimento e lassidão.
tâncias. O es- tanto espiritual como moral, fôra, — no plano hu-
fôrço católico. mano — a maior razão do êxito do protestantismo no Brasil, durante os setenta anos, cujo histórico acabamos de fazer. Não se pode afirmar que a situação tenha mudado muito do ponto de vista numérico — e se ela melhorou consideravelmente do ponto de vista espiritual, foi no sentido de dar novos traços ao catolicismo brasileiro, por uma transformação que não deixa de oferecer novas facilidades ao protestantismo.

A política imperial impedira a vida normal e o desenvolvimento da Igreja, opondo-se à criação de novas dioceses que correspondessem à valorização e ao crescimento da população do país. O Império herdara uma hierarquia católica, obra de 322 anos de catolicismo, e constituída por um arcebispado, seis bispados e duas prelazias. Em 67 anos criou apenas (sem levar em conta a transfor-

mação em dioceses das prelazias de Goiás e Cuiabá — 1826) três bispados realmente novos: os do Rio Grande do Sul (1848), de Fortaleza e de Diamantina (1854). A partir dessa data até 1888, isto é, durante o primeiro período de desenvolvimento do país, nenhuma criação. A partir de 1889, ao contrário, elas se multiplicaram, como revela o quadro das criações desses sessenta anos de República:

EXISTENTES		CRIAÇÕES		Total
EM 1888	1889-1933	1933-1947	em 1947	
Arcebispos ..	1	15	1	17
Bispados	11	42	12	65
Prelazias	20		5	25
Prefeituras	2		~	2

Que o ritmo destas criações tenha, atualmente, diminuído (18 para os 15 anos do segundo período considerado, contra 79 para os 34 anos do primeiro) significa, simplesmente, que havia sido recuperado, em grande parte, o atraso, e que bastaria, para o futuro, que a Santa Sé acompanhasse o desenvolvimento do país.

Por outro lado, durante este segundo período, a atenção foi particularmente voltada para o crescimento das paróquias: de 2.384 em 1933, elas passaram a 2.997 em 1947 (1).

Esfôrço considerável mas, com relação às paróquias, absolutamente insuficiente. Em 1947 ainda se encontravam prelazias apostólicas sem paróquias, embora já com quarenta anos de existência, como a do Rio Branco (Amazonas) ou com trinta e seis, como a de Conceição do Araguaia (2), onde o administrador apostólico desempenha o papel de um bispo merovíngio naquelas dioceses dos primeiros tempos, em que paróquia e diocese se confundiam. Trata-se aqui, sem dúvida, de territórios missionários e de populações reduzidas. Mas a situação das dioceses é semelhante, embora sua gravidade seja menos aparente. As paróquias rurais de 30.000 e 40.000 almas não são raras: as de Franco da Rocha (São Paulo), de Lages (Santa Catarina) e de União das Palmeiras (Alagoas), atingem ou ultrapassam 60.000; a de Itambacuri (Minas Gerais) conta 150.000!

Compreende-se que se trata, antes de mais nada, da falta de padres. Este problema foi "O magno problema" do catolicismo brasileiro, segundo o título do livro que lhe consagrou o Pe. Lacroix. Não se pode afirmar que tenha havido, praticamente, grande pro-

(1). — Servimo-nos dos algarismos mais recentes das listas, que se encontram no *Brasil Católico*, do Pe. João Batista Lehmann, edição de 1947 (Juiz de Fora — "Lar Católico").

(2). — Já citamos a biografia de seu primeiro titular, o francês D. Dominique Carrérot.

gresso desde os primeiros tempos do Império, dado o aumento considerável da população. Neste sentido, também, houve notável esforço nestes últimos tempos, que se revela pela tabela seguinte:

	1933	1947
Padres seculares	2.239	2.930
Padres regulares	1.899	3.419
Clérigos regulares	786	1.043

Com relação à primeira dessas datas, um franciscano alemão do norte do Brasil escreveu: (3) "O Brasil que agrupa aproximadamente a décima parte dos 360 milhões de católicos do mundo inteiro não conta senão com 1/120 dos padres, aproximadamente 3.000 para 360.000, mais ou menos como o único arcebispado de Colônia". Portanto, uma média de um padre para 12.000 almas, quando a boa proporção tradicional na Europa, era de um padre para mil fiéis. A porcentagem de nossos dias melhorou um pouco, mesmo sendo levado em consideração o aumento total da população. Entretanto, não permite aos padres do interior, ação verdadeira sobre as populações rurais. O livro já citado do Pe. Lacroix contém abundantes documentos sobre este assunto; mas procurêmo-los em outros estudos menos utilizados. Um deles diz respeito à imensa prelazia de Santarém, dos primórdios de nosso século com suas 19 paróquias e seus 2 padres: (4)

"Nas sedes das freguesias, o serviço religioso era feito mais ou menos regular, conforme o zelo do respectivo pároco. Nos dias de festa, quando afluía muita gente, o trabalho maior eram os batizados. Quanto à doutrina, tanto aos adultos como às crianças, jamais foi pregada, infelizmente. Os filhos naturais alcançavam a porcentagem de 50% e, algumas vezes, subiam a mais! As vilas e os povoados que pertenciam às freguesias só eram visitadas em dias de festa do Padroeiro local... Era tão grande a afluência de gente dos arredores e vizinhanças que o vigário que não dispusesse de paciência e energia perdia a melhor ocasião de ensiná-la. Daí o triste fato de que a maioria só se aproximara do Sacramento da Penitência uma vez na vida, no dia do seu casamento".

Ora, sendo ilegítima mais da metade dos nascimentos, mais da metade da população escapava a este único Sacramento. A situação melhorou até para a paróquia de Santarém (as regiões do Rio Tapajós e do Amazonas até Óbidos e Monte Alegre) desde que foi confiada aos cuidados dos franciscanos. Mas são apenas 6 padres para 60.000 habitantes e esses pobres religiosos não podem fazer às 5 ou 6.000 almas da grande fazenda de borracha da Cia. Ford, senão uma rápida visita de tempos a tempos (5).

(3). — Fr. L. — Zum Priesterproblem in Brasilien ("Santo Antônio", XI ano, 1933 — pág. 19).

(4). — Crônica dos Frades Menores do Comissariado de Santarém ("Santo Antônio", t. XX. Baía, 1942, pág. 110-111).

(5). — "De Santarém a Belterra em 1942" (mesma revista, pág. 132-134).

A situação, mesmo no centro das paróquias, permaneceu durante muito tempo quase tão aflitiva quanto aquela. Quando, no fim de 1914, o franciscano Frei Casimiro Brochtrup foi encarregado dos fiéis de Serinhaem (Pernambuco), encontrou-se “quase em face do impossível”: a assistência às missas era ínfima; dos 100 membros do Apostolado da Oração, apenas 20 comungavam na primeira sexta-feira do mês; receberam êles tão mal a seu novo pároco que êste foi obrigado a suspender sua associação e retirar o Santíssimo Sacramento da Matriz (6).

Quando outro franciscano, Frei Benitius Ochmann, recebeu o encargo da paróquia de Campo Formoso (Bahia), em 1938, tôda a vida religiosa católica dessa vasta jurisdição de 34.000 almas, consistia nos officios da Matriz, diante de um público muito restrito, e de uma rápida visita às aldeias mais próximas, sendo que os povoados longínquos nunca eram visitados. Durante dois anos entregou-se êle a um trabalho obstinado afim de modificar a situação, obtendo alguns resultados: a assistência de 5 a 10% dos homens à missa dominical e o aumento ao quántuplo das comunhões pascais, antes praticadas apenas pelos catecúmenos. Para os anexos, era o tonel das Danaidas: mesmo chegando a uma visita por mês, todo o trabalho de ensino e direção espiritual estava sempre por recomençar. Em suma, concluia Frei Benitius, cem anos de trabalho de um único padre, como no seu caso, para uma paróquia daquela importância, de nada valeriam (7).

Desçamos até a paróquia de Cunha (São Paulo) que recentemente mereceu a atenção de Emilio Willems, observador tão dedicado quanto cuidadoso. Algumas considerações gerais de seu livro devem ser reproduzidas aqui, pois definem bem o problema do catolicismo no Brasil, hoje como há cem anos:

“A participação efetiva dos fiéis nas atividades religiosas, de acôrdado com a disciplina eclesiástica da Igreja Católica, exige um equipamento pessoal e material que raramente existe nas regiões rurais do Brasil. As paróquias não devem cobrir uma área muito extensa a ponto de tornar intermitentes ou raros os contactos com o sacerdote que é o intermediário **INDISPENSÁVEL** entre a divindade e os fiéis, pois é o sacerdote que celebra o culto e administra os sacramentos. É preciso que as paróquias estejam realmente providas e que haja um templo em que o povo possa assistir às sagradas cerimônias. Além do mais, é imprescindível a existência de associações religiosas que integrem a Igreja na comunidade exercendo um contrôle eficiente sôbre os seus membros e transmitindo-lhe os valores religiosos considerados indispensáveis a sua vida espiritual e à perpetuação da própria Igreja” (8):

-
- (6). — Matias Teves — *Entre os Mucambos de Recife. Frei Casimiro Brochtrup O.F.M. o missionário dos pobres.* (Salvador, 1948), pág. 41.
(7). — Artigo já citado, mesma revista, 1940-1941, pág. 87-91.
(8). — Pág. 62-63.

Ora, o município de Cunha, com seus 1.500 km.² e seus 25.000 habitantes, constitui, atualmente, uma única paróquia com um único padre. Das quatro igrejas que existiam no século passado, na sede do distrito, duas foram destruídas e uma está fechada; apenas a Matriz funciona, e é tão grande que jamais se enche senão pela metade. A zona rural possui vinte capelas, das quais apenas duas constituem verdadeiros santuários. Quanto às Associações religiosas elas existem em tão grande número e são tão especializadas que a Igreja poderia, por seu intermédio, ter ação sobre toda a sociedade: Cruzada Eucarística, para as crianças; Filhas de Maria e Congregação Mariana, para os jovens; Apostolado da Oração e Irmandade de N. S. das Dores, para as mulheres casadas (a primeira, constituída por pessoas da roça, e a segunda por senhoras de sociedade); as Irmandades de São Benedito e do Santíssimo Sacramento para os homens (com as mesmas diferenças de origem social), e finalmente a Irmandade de São Vicente de Paula, associação caridosa. Mas, escreve o observador, "é muitíssimo duvidoso" que várias dessas associações "tenham existência real além da execução de certas formalidades como a eleição da Mesa e o recebimento das mensalidades." Por outro lado, elas são de efetivos muito reduzidos: das duas mais importantes, por compreenderem os jovens, a Congregação Mariana reúne apenas 27 rapazes, dos quais 12 ou 15 freqüentam as reuniões hebdomadárias; as Filhas de Maria não passam de 41. E esse pequeno número não parece ser compensado por uma piedade particularmente ardente: mesmo entre as Filhas de Maria "durante certo período, as 41 moças tiveram 245 presenças à missa dominical e 260 ausências". Apenas três nunca faltaram.

Tocamos aqui em outro ponto particularmente importante: a pequena influência desses padres, tão pouco numerosos, até nos meios que eles alcançam. Neste sentido também o livro de Emilio Willems nos dá um testemunho preciso:

"Na própria cidade, a população não se atribui muita "religiosidade" culpando geralmente os padres que precederam o atual vigário, sobretudo o último, 'homem bom, mas estragado pelo meio'. 'No tempo dele o povo já não praticava religião, não confessava, nem comungava' e 'não havia nem cinco pessoas assistindo à missa'. O casamento do padre com uma moça da sociedade local constituiu novo choque para os fiéis. Estas e outras ocorrências associadas pela opinião local a certos vigários e à pouca estabilidade de quase todos eles, contribuem talvez para explicar uma certa reserva ou mesmo desconfiança que muitos moradores locais revelam com relação ao clero em geral" (9).

Contudo, mais importante que os traços de costumes, freqüentemente invocados, parece-nos o fato de ser o clero de hoje, em grande parte, de nacionalidade estrangeira, tornando-se, nas suas

(9). — Pág. 63-64.

mais legítimas reações, espiritualmente estranho à população que o cerca. Esta característica se revela ao consultarmos a lista de seus altos dignatários: à frente das províncias, dioceses e prelazias encontramos 69 brasileiros natos, mas 19 estrangeiros, aos quais cumpre acrescentar, segundo nos parece, a maior parte dos nomes para os quais o *Brasil Católico* não dá indicação de origem. Um levantamento sôbre as Ordens masculinas, no qual tivemos a precaução de não dar importância aos casos duvidosos, e dos Institutos onde a maioria alógena não é certa, dá-nos mais de 2.000 religiosos (padres) estrangeiros sôbre 3.419. Os imensos territórios do Brasil de amanhã, que constituem as prelazias do Centro e do Norte, quase não têm padres brasileiros. E até nos estados há muito tempo mais desenvolvidos, são numerosos os religiosos estrangeiros encarregados de paróquias, sobretudo nas zonas mais extensas. O Estado de São Paulo compreende cêrca de 50 paróquias, assim distribuídas, sem contar as da capital: cêrca de 15 ao redor da metrópole, de Santos a Campinas e de Mairinque a Poá; no litoral, no centro do Estado, ou na fronteira mineira, as Igrejas de Iguape, Registro, São Manuel, Dois Córregos, Brotas, Cascalho (perto de Rio Claro) e Caconde; na zona pioneira do norte, cêrca de dez paróquias aos cuidados de religiosos espanhóis, de Patrocínio Paulista e Franca a Nova Granada e Palestina, passando por Barretos e Olímpia; na zona pioneira do Centro, as igrejas principais dos municípios de Baurú, Avaí, Presidente Prudente, Pirajuí, Lins, Penápolis e Biriguí, dirigidas por belgas, holandeses e italianos; no limite setentrional do Paraná, as matrizes de Salto Grande, Marília, Lutécia, Assis, Maracaí, Iepé, Rancharia, Martinópolis, Indiana, Presidente Prudente e Presidente Venceslau, servidas por alemães, espanhóis e italianos.

Uma tal situação não pode deixar de ter conseqüências sôbre os fiéis de quase todo o país. Por maior que seja seu zêlo, o padre estrangeiro traz consigo, assim como o missionário protestante, uma mentalidade e hábitos religiosos que perturbam os indígenas; ora, acontece que, atualmente, enquanto o clero protestante se "abrasileira", é o clero católico que, cada vez mais, pode provocar as reações do nacionalismo local. Euclides da Cunha escreveu uma página severa sôbre os primeiros dêsses religiosos vindos da Europa: (10)

"Salvo raríssimas excessões, o missionário moderno é um agente prejudicialíssimo no agravar todos os desequilíbrios do estado emocional dos tabaréus. Sem a altitude dos que o antecederam, a sua ação é negativa: destrói, apaga e perverte o que inculcaram de bom naqueles espíritos ingênuos os ensinamentos dos primeiros evangelizadores... Segue vulgarmente processo inverso do daqueles: não aconselha e consola, aterra e almaldiçoa; não ora, esbraveja.... Sob o púlpito das igrejas do ser-

(10). — Os Sertões, pág. 146-148.

tão e não alevanta a imagem arrebatadora dos céus; descreve, o inferno truculento e flamívomo, numa algaravia de frases suberbativas a que completam gestos de maluco e esgarvos de truão... Não traça ante os matutos simples a feição honesta e imperiosa da vida — não a conhece; mas braveja em todos os tons contra o pecado, esboça grosseiros quadros de tortura e espalha sôbre o auditório fulminado avalanches de penitência”.

Tudo isso “em mau português, em mau latim, em mau italiano”. E, sem dúvida, trata-se sobretudo de missionários do tempo de D. Pedro II. Mas o Pe. Trigueiro (11), brasileiro como suas ovelhas, que se compraz em citar esta página, pensaria apenas nos tempos do imperador? Realmente, não se pode ler a recente biografia do Pe. Júlio Maria de Lombaerde (12), famoso missionário belga de Macapá e Manhumirim sem pensar que êsse apóstolo, cheio de ardor e dedicação, era o menos adaptado possível aos meios em que trabalhava, os quais muitas vezes interpretava erroneamente: daí seus repetidos fracassos. Outros, em compensação, adaptavam-se demasiado, e é essa a história do não menos famoso Padre Eustáquio, religioso holandês vigário de Água Suja (Minas) e de Poá (São Paulo), pregador dos pobres e dos simples, a quem a atmosfera espiritual do sertão e dos subúrbios operários, levou a um perigoso ministério taumatúrgico, no qual, certamente, êle estava longe de pensar quando evangelizava os rudes mineiros belgas. Alguns dêsses padres estrangeiros, diga-se a bem da verdade, sabem conservar uma atitude média, sentir a profunda piedade do sertanejo sob aparências supersticiosas e quase pagãs, e também elevá-lo a uma fé mais pura e espiritual: eis o que foi, segundo parece, o grande mérito de alguns dominicanos franceses, como o Pe. Dominique Carrérot (13).

“De bom grado repetimos o grito de admiração que tantas vezes subiu do fundo do nosso coração aos nossos lábios: Nunca achei tanta fé em Israel!” escreve um dêsses dominicanos (14) após ter contado as promessas, muitas vezes singulares, que o sertanejo executa extritamente, “leal para com seu Deus”. E êle não acha fora de propósito ornar seu livro com uma fotografia da festa do Divino. Ora, parece que esta simpatia de compreensão é rara, no próprio clero de origem brasileira. Chegamos assim ao ponto em que êsse próprio clero tende a se tornar extranho a seu próprio povo.

Já o Pe. Júlio Maria (o primeiro grande orador do começo dês-te século) havia convidado o clero a não se encerrar em suas igrejas, “contemplando de longe o povo ao qual outrora esteve tão intimamente ligado”. Bem intimamente mesmo, aceitando e muitas vê-

(11). — Op. cit. pág. 253.

(12). — Padre Júlio Maria. Sua vida e sua missão. Manhumirim, 1948.

(13). — Ver, por exemplo, em sua biografia citada, pág. 50-51, 60, 66, páginas compreensivas, 201-203.

(14). — *Ibidem* pág. 203.

zes partilhando dos desvios religiosos e das desordens. Hoje, nota Nelson W. Sodré (15), a influência dos padres estrangeiros tornou esse clero mais digno e mais consagrado à sua missão, afastando-o todavia da vida na qual constantemente retemperava suas forças. É o que observa, igualmente, Fernando de Azevedo (16): “À antiga comunhão de sentimentos que se tinha formado entre o clero e a nação... sucedeu hoje uma indiferença recíproca, uma dissociação entre a Igreja e o século, entre a religião e as forças vivas da sociedade.”

Manifestação particularmente comum desta nova incompreensão é constituída pelos conflitos que as festas do Divino ocasionam freqüentemente entre o povo e os vigários que, preocupados com uma espiritualidade mais pura não desejam patrocinar e abrir suas igrejas aos festejos tradicionais. Foi o que fez um padre de Cunha, que se opôs aos bandos de foliões. Foi necessário voltar, depois de seis anos de luta, a uma atitude mais conciliatória, e eis como contava o fato um dos partidários da tradição (17):

“O padre dizia que era incômodo para povo, mas o povo não julga assim, pois todos querem receber os foliões. A bandeira já saiu e tudo está melhorando, o mantimento melhorou. Quando não saía a bandeira ou aquela que o padre mandou, o milho faltava, os animais ficavam doentes, e tudo por falta do Divino, isso é porque o padre quer só para si”.

Desta incompreensão à indisciplina, o passo é dado rapidamente. E abundam os atos de indisciplina, a ponto de causar admiração ao europeu, habituado a ver o vigário dono de sua paróquia, uma paróquia, é verdade, quase vazia de paroquianos. Nas cidades são as pretensões das Irmandades à autonomia, e conhecemos as dificuldades que o arcebispo do Rio teve, há pouco, com a Irmandade do Santíssimo Sacramento e a de São José. Sabe-se também que a constituição de uma Igreja Católica Brasileira, pelo ex-bispo de Maura, D. Carlos Duarte Costa, encontrou numerosas adesões não só para a criação de comunidades, mas, sobretudo, para a difusão de seu boletim *Luta!* (18).

Nos campos os fiéis não são mais submissos. Uma senhora de Cunha dizia a Emílio Willems, a respeito de um padre que havia excluído do côro da Igreja uma de suas filhas: “O padre não pode expulsar ninguém da igreja. A igreja pertence ao povo. Nós podemos expulsar o padre, mas ele não pode expulsar ninguém. Minha filha o ajuda a ganhar o seu dinheiro” (19).

(15). — Nelson Werneck Sodré, *Formação da Sociedade Brasileira* (Rio, 1944).

(16). — *A cultura Brasileira* (Rio 1943). Textos citados por Roger Bastide.

(17). — Emílio Willems, *Cunha*, pág. 155.

(18). — Ver esse boletim e, em sentido contrário, a brochura do Pe. Florêncio Dubois, *O Ex-Bispo de Maura e o bom-senso* (Petrópolis, “Vozes”, 1945) assim como os artigos de imprensa que ocasionaram a recente interdição governamental.

(19). — “Cunha”, pág. 64.

A realidade é ainda mais profunda, a ponto de o mesmo observador afirmar (20):

“O estudo descritivo e analítico dos costumes religiosos provará que a Igreja Católica não satisfaz às necessidades que a maioria dos Cunhenses sente com relação ao sobrenatural. Verdade é que quase todos são batizados e casados “na igreja”, muitos confessam e comungam, e se subordinam, pelo menos em parte, à disciplina eclesiástica. Grande parte da população urbana e rural assiste à missa, às novenas e às demais cerimônias celebradas pelo vigário local. Mas ao lado dessas atividades religiosas existem outras que a Igreja, nas condições atuais, não pode controlar, que se realizam à revelia do padre ou a despeito de proibições expressas.

Nas roças realiza-se muita festa religiosa, procissão e novena, sem autorização ou assistência do padre. Os sacristães aos quais compete a convocação dos fiéis e a direção das cerimônias interpretam, não raro, a doutrina católica à maneira deles, desvirtuando-lhes os significados, ou pondo-a a serviço de finalidades que dificilmente encontrariam a aprovação do sacerdote”.

E, sobre essas devoções espontâneas da roça, na época em que aparece o protestantismo e na atual, dá-nos pormenores minuciosos e úteis. Um dos mais comuns é o do beijo ao altar ou à cruz do oratório, acompanhado do cântico: “Chegai, pecadores contrito, Vem beijar a Santa Cruz, Pedindo misericórdie. Ao nosso Bom Jesus” ao que o “capelão” respondia em tom grave: “Jesús prometeu que haverá de sarvá, A todos os devoto que a Santa Cruz beijá” (21). Uma espécie de sermão acompanhava às vezes êsse culto:

“João Camilo, preto velho, que fôra por muitos anos capelão da roça, vendo o padre falar do púlpito tentava imitá-lo. Amarrava um jacá com cipó num tronco de uma árvore, e subia nele para pronunciar o sermão aos ouvintes do bairro. João Camilo rezava em latim. Apanhava algumas palavras, que repetia estropiadas e que um informante nosso ouviu da seguinte maneira: “Ora pro nobis Santa Degenis (e resmungava, resmungava, depois concluindo, dizia) oremus, oremus, repicione, repicione, Cristu, amem”. Outra reza de João Camilo era esta: “Saubo de Aleluia, Domingo da Ressurreição. Nosso Senhor Bom Jesús com grande pêsso da cruiz me ajude que eu também lhe ajudarei; mi livrai daquela espantosa visão. Quando for da morte. Amem”.

Encontramos, já aqui todos os elementos de um culto protestante, e os ouvintes de João Camilo, que se aventuravam pelas capelas metodistas do município, em Cume ou Jericó, deveriam ser facilmente conquistados por um serviço divino, que as reuniões piedosas do velho “capelão” negro rudemente esboçavam. Ora, organizar em uma ortodoxia rígida, essas reuniões leigas, era justamente o que visavam os partidários da Ação Católica Rural, como recurso supremo para a evangelização do povo do campo contra os progressos do protestantismo.

(20). — *Ibidem*, pág. 104.

(21). — *Ibidem*, pág. 105.

Éstes acabaram por ser tomados em consideração pelo clero. As violências esporádicas por meio das quais certos padres acreditavam poder proteger ou livrar suas paróquias contra eles não desapareceram absolutamente (22). A elas se juntou, com mais intensidade que antigamente, uma literatura de controvérsia. Seu valor é bem pequeno, quer se trate dos violentos *Ataques Protestantes* do Pe. Júlio Maria de Lombaerde tão insossamente infantis quanto certas anedotas anti-católicas de alguns jornais protestantes, quer se trate dos livros do Pe. Leonel Franca, respostas fáceis a um fraco livro de apologética pragmatista de Eduardo Carlos Pereira (23) sem atingir o fundo religioso do problema, ou ainda da brochura *Aos Irmãos Separados* (24) onde um convertido, Eurípedes Cardoso de Menezes traz sua contribuição, tirando partido principalmente de uma experiência e de um trabalho pouco representativos do protestantismo, mas sem responder às questões profundas que lhe deram origem, na Europa e no Brasil. Sem dúvida, devem ser levadas em consideração as conversões do filho do pastor português Antônio de Menezes, e de alguns outros (25). Trata-se sempre, entretanto, de decisões individuais e esporádicas, que correspondem a uma mentalidade e circunstâncias particulares, e nas quais os defensores do catolicismo até hoje buscam os elementos de uma apologética capaz de proteger suas ovelhas contra a tentação protestante. Muito naturalmente, um convertido como Eurípedes Cardoso de Menezes procura legitimar os traços originais da devoção católica, seu culto das imagens e da Virgem, sua concepção da Eucaristia e o valor salvador do sofrimento. Constituem respostas aos ataques dos protestantes, respostas que podem ter influência sôbre alguns destes, que podem auxiliar um católico na controvérsia, mas que são ineficazes para a massa de fiéis insatisfeitos com a Igreja. Esta piedade de imagens, da Virgem, da Eu-

(22). — Queima do templo Presbiteriano independente de Alpinópolis (Minas) em 1932 e novas violências contra os metodistas de Cunha (São Paulo); em 1935 violências contra os presbiterianos independentes de Ouro Fino (Minas); em 1937, destruição da capela construída em Pinheiros pelos protestantes de Alpinópolis; em 1940, outras sevícias contra os de Cunha; em 1950 sevícias contra os presbiterianos de Caetité (Bahia) e contra os batistas de Barbalha (Paraíba). Por outro lado a notícia da perseguição religiosa contra os protestantes em Pedra da Anta (Minas) (*Expositor Cristão*, 14-9-50) mostra com que exagêro esta palavra é, muitas vezes, empregada; pois não cita senão algum barulho e os clamores de uma procissão contra um culto de propaganda feito nessa povoação inteiramente católica na noite de 15 de outubro.

(23). — *O Problema religioso na América Latina* (São Paulo, 1920) já citado. O R. P. Leonel Franca, S. J., morto recentemente na função de Reitor da Universidade católica do Rio, respondeu-lhe in "*A Igreja, a Reforma e a Civilização*, a que o pastor Ernesto Luiz de Oliveira respondeu por sua vez em *Roma, a Igreja e o Anticristo*. Outras obras do Pe. Leonel Franca: *Catolicismo e Protestantismo* e *O Protestantismo no Brasil* provocaram as refutações de Lysaneas de Cerqueira Leite, *Protestantismo e Romanismo* e *A Igreja, o Papado e a Reforma* (Rio, 1941).

(24). — Rio, ed. Santa Maria, 1948.

(25). — Já falamos da do pastor batista Antônio Ferreira Campos. Themudo Lessa (*Anais*, pág. 147) menciona a de um irmão de Eduardo Carlos Pereira, Artur Hipólito Pereira.

caristia, do sofrimento já lhes pertence, mas eles procuram algo diferente. Abandonando a apologética antiprotestante, fraternal e compreensiva e algumas vèzes violenta, os padres se voltam agora para o verdadeiro problema, procurando as causas dessa insatisfação.

Possuimos a descrição pormenorizada das experiências de dois franciscanos alemães da província do norte do Brasil. Um d'êles, Frei Casimiro Brochtrup (26) começara seu ministério neste país em 1914, como cura de Serinhaem (Pernambuco), e já vimos quantas dificuldades encontrou por parte de seus fiéis, e que, parece, contribuíram para o seu regresso ao convento de Recife, em 1917, após o que foi conservado durante uma dezena de anos, na atividade tradicional do missionário, que prega nas missões, distribui os sacramentos e regulariza as uniões. Dedicou-se com o maior zêlo aos sertões de Pernambuco e Ceará, obtendo impressionantes estatísticas de comunhões: em pouco mais de dois meses, em 1925, no sertão de Pernambuco, houve 25.015, entre as quais 9.280 de homens; no ano seguinte, em cinco meses, no interior do Ceará, houve 76.771, das quais 25.733 de homens (27). Quase tão admirável quanto as 128.523 comunhões distribuídas em alguns meses (1762-1764) pelo capuchinho Fr. Anibal de Gênova, pois era com o auxílio de padres locais que conseguia fazer comungar em um dia apenas 9.973 fiéis (28). Isto significava apenas que as populações rurais dessas regiões eram profundamente religiosas, e que sua piedade era mantida: "Barbalha, por exemplo, pequena paróquia com densa população (29), com um diâmetro de três a quatro léguas, possui 13 conferências de S. Vicente de Paula com mais de 200 confrades; fora das missões bem poucas pessoas deixaram de receber os sacramentos" (a comunhão foi, realmente, distribuída a 10.265 paroquianos, dos quais 3.216 homens, e o número de confirmações foi de 2.650).

Fr. Casimiro encontrava-se numa região privilegiada — Cariri — cuja população, como êle mesmo nota, é "profundamente religiosa", onde "o protestantismo não encontra acesso" (30) e onde "a prudente direção e os cuidados constantes dos curas produziram resultados admiráveis, até entre os homens". Compreendemos co-

(26). — Ver sua biografia já citada por Fr. Matias Teves, *Entre os Mocambos de Recife. Frei Casimiro Brochtrup O.F.M., o Missionário dos Pobres*. Salvador, ed. Mensageiro da Fé, 1948.

(27). — Encontrar-se-á pormenor interessante dessas cifras no livro citado, pág. 46-47, 50-52. Sobre essas viagens de "desobrigas" encontraremos detalhes vivos na biografia de D. Dominique Carrérot.

(28). — Pe. Fr. Fidelis M. de Primeiro, *Capuchinhos em Terras de Santa Cruz*, pág. 186-193. Ver-se-á à pag. 267 outra estatística semelhante mas muito mais baixa (17.599 comunhões distribuídas por um irmão, de 1841 a 1871).

(29). — Atualmente 22.500 habitantes.

(30). — Uma "congregação" batista de seis famílias acabava de se organizar, o que provocou desordens, às quais já nos referimos e, sobre as quais podemos ver o *Jornal Batista* de 25 de maio de 1950.

mo êle se convenceu de que sua missão não estava mais nesses campos excepcionalmente bem servidos, mas entre os "fiéis" indiferentes e questionadores da velha igreja de Serinhaem.

"No fim de 1925, tendo levado mais de seis meses pregando no bispado de Crato no Ceará, e voltando para o Recife, senti como uma inspiração de Deus, que não devia continuar a pregar Missões nos sertões, onde o povo revelava tanta fé, mas procurar os pobres operários do Recife que, morando em mocambos, estavam espiritualmente abandonados por completo e no perigo de perder a fé católica, perseguidos pelos pregadores das novas seitas" (31).

O incidente decisivo foi, para êle, a resposta que lhe deram, no bairro de Cordeiro, em Recife, quando êle perguntou pelas testemunhas católicas para celebrar um casamento: "Sr. Padre, aqui não há ninguém que possa servir porque nesta rua todo mundo é nova seita". Êle estava, realmente, com vinte anos de atraso, pois em 1905 havia sido organizada a Segunda Igreja Batista de Recife, que tem, precisamente, o nome de Igreja do Cordeiro. Os habitantes desses bairros deserdados eram, segundo nos dizem,

"de índole rude e ignorante, os habitantes se guiam a qualquer um que os convidasse com muitas promessas para se alinharem às numerosas seitas acatólicas, e se tanto não conseguiam, ao menos implantaram o desprezo da religião e o indiferentismo religioso, criando uma espécie de novos pagãos" (32).

O clero católico de Recife acomodava-se a essa situação, assim como o clero de uma maneira geral. Pois, quando Fr. Casemiro pediu a seu Capitulo autorização para fundar um trabalho nesse quarteirão, seu biógrafo não esconde que se tratava de "uma idéia tôda nova e extraordinária... uma obra tão extraordinária, mas ao mesmo tempo tão cheia de perigos, e tão fora dos trabalhos religiosos!" Vemos bem pelo que se segue: Fr. Casimiro recebeu a autorização pedida, mas sua tentativa despertava tão pouco entusiasmo na hierarquia e no clero secular, que êle não encontrou nenhum membro dêsse clero para abençoar a primeira pedra da escola que êle logo em seguida começou a construir.

Fr. Casimiro estava, daí por diante, estabelecido: os últimos anos de sua vida (morreu em 1944) foram consagrados aos pobres dos bairros de Macacheiro e Campo Grande. As comunhões, que eram em 1927, 3.563 para Macacheiro e 2.865 para Campo Grande, passaram desde o ano seguinte a 7.240 e 6.100, atingindo, em 1939, as cifras de 16.500 e 18.705. As escolas passaram de 340 alunos inscritos e 255 presentes, em 1928 a 700 inscritos e 600 presentes, em 1934.

(31). — Op. cit., pág. 65-66.

(32). — Pág. 71.

Fôra seguindo as pègadas dos protestantes que Frei Casimiro Brochtrup evangelizara os proletários de Recife: foi exatamente copiando os métodos protestantes, que seu confrade Fr. Benitius Hochmann iniciou a instrução religiosa dos sertanejos de Campo Formoso. Dissemos já que, nomeado em 1937 para essa vasta e importante paróquia do sertão da Bahia, onde o protestantismo se havia instalado vitoriosamente havia já quarenta anos, sem séria reação, êle tentou infrutiferamente os processos habituais do ministério para instruir e despertar seus fiéis. Foi então que o estudo das razões do sucesso do protestantismo, levou-o a tomar iniciativas que expôs a seu diocesano, bispo de Bonfim, no seguinte relatório:

“Cheguei a conhecer que as tristes condições religiosas de nossa zona resultam principalmente, de três causas:

1. Falta de organização de exercícios espirituais e solenidades para externarem-se os sentimentos religiosos; pois até agora as práticas de piedade tem-se limitado, na ausência do Padre, à recitação maquinal e rotineira do Ofício de Nossa Senhora e do Terço, sendo freqüentados, quase exclusivamente, por mulheres, resultando daí o menosprêzo dos homens pela Religião Católica. Além disso, há lugares em que o povo só se reúne para essas práticas religiosas quando às vê presididas pelo sacerdote.

2. A ignorância não pode ser vencida por esse método insuficiente e pouco atraente. A experiência me tem mostrado que grande parte do povo fica inativa sem deixar a Igreja e outros continuam em seus cultos rotineiros enquanto os mais inteligentes e ativos passam para os protestantes, onde lhes parece que satisfazem melhor às necessidades da alma pela organização metódica e impressionante que lá encontram. A leitura da Sagrada Escritura alimenta-lhes o espirito e os cânticos elevam-lhes as almas, no culto protestante, ao passo que as nossas rezas monótonas e enfadonhas interessam a poucas pessoas entre as quais podemos distinguir duas categorias: as menos favorecidas pela inteligência e as apegadas a antigas tradições.

3. Notei também o escasso e deficiente repertório de cânticos populares. Neste particular, o povo ignorante adultera o sentido dos seus cânticos. Da parte dos Protestantes nota-se o contrário: os cânticos são ensinados por pessoas competentes as quais conseguem do povo pleno êxito. O que concorre para dar uma feição agradável e atraente às reuniões protestantes.

Convencido, dêste modo, da grande urgência que reclama a reforma radical do culto usual, como solução desta questão de tanta importância, resolvi:

1. Reunir o povo nos lugares principais de nossa freguezia em dias e lugares determinados afim de prestar a Deus o culto que Lhe é devido.

2. Traçar um programa variado e atraente, que não só alimente seus sentimentos religiosos, mas também lhe sirva de instrução religiosa; determinar uma leitura que se adapte às necessidades do povo.

3. Nomear em cada lugar como Chefe do Culto Católico, um homem capaz de satisfazer, moral e intelectualmente, às exigências do povo. Êste será encarregado do seguinte: a) reunir o povo na capela ou outro lugar conveniente em hora marcada; b) presidir e dirigir o culto na ausência do sacerdote; c) fazer as leituras e orações.

4. Nomear um chefe da ordem, dando-lhe licença de fazer-se auxiliar por outros que mantenham a ordem dentro e fora da Igreja, ficando enfim responsável pelo respeito durante os exercícios da Religião Católica. Um grupo de cantores iniciará o povo nos canticos populares”.

Há poucos textos mais importantes em tôda a história que contamos. As razões humanas do sucesso do protestantismo, no Brasil atual, mas também no mundo do século XVI, aí estão claramente definidas (33). E a origem protestante das técnicas de evangelização para as quais tende, hoje, uma parte do catolicismo, aí está explicitamente afirmada. É profundamente curioso, sob êsse ponto de vista, que o termo *Ação Católica* não se encontre nesse texto e nem tão pouco na relação pormenorizada das experiências que lhe deram origem. A carta do Papa Pio XI, recomendando êsse movimento aos bispos do Brasil, entretanto, data de 27 de outubro de 1935, e era bem conhecida de Fr. Benitius, assim como os estatutos da *Ação Católica Brasileira*, pelo menos através da publicação feita pela revista de sua Ordem (34): foi, pois, na meditação do exemplo protestante e não na carta pontifical e nas iniciativas européias que êle tomou a decisão de apelar sistematicamente para a atividade leiga e transformar a própria natureza do ministério e da espiritualidade católicas.

É necessário compreender que é disso que se trata. O apêlo aos leigos é uma velha tradição da Igreja, muitas vêzes esquecida, mas que pode ser remontada a São Francisco de Sales e a êsse “século de santos” (a primeira parte do século XVII) que, através dos leigos, deu, na França, a primazia ao catolicismo. Êste apêlo,

(33). — É natural que a elas devemos ajuntar as causas profundas, pròpriamente espirituais. Encontra-la-emos nas relações de conversões dadas pelas publicações protestantes. Sem dúvida, algumas delas são bastante pueris: sabemos como é difícil para o próprio interessado, discernir e exprimir os motivos e as modalidades de uma tal transformação; um gênio como Lutero deixou apenas indicações duvidosas, embora precisas na sua aparência, sôbre sua conversão. Há, entretanto outras, como as que o pastor Antônio Elias reuniu em sua brochura sôbre a obra presbiteriana em Teófilo Otoni (Minas), *Testemunhos Vivos!* (1949) e como outras notícias necrológicas. Uma delas (*O Cristão*, 31-3-50), homenagem prestada a um excelente católico tornado excelente protestante depois de um estudo comparado das duas versões da Bíblia, e muitas histórias semelhantes contadas no trabalho do Rev. Elias mostram: 1) que o elemento determinante das conversões continua a ser o contacto com a Bíblia; 2) que o sucesso do protestantismo nos velhos países católicos se explica sempre, atualmente como há, um século, e como no tempo da Reforma, não pelas fraquezas do catolicismo, mas pelo seu conteúdo evangélico e pelo papel de preparação que desempenhou. As notícias de conversão partida de uma irreligião total são raras: o sambador, citado pelo Rev. Elias, que se converteu ouvindo uma pregação em estado de embriaguez, quase inconciente, era já uma alma religiosa, prestes a compreender a mensagem cristã. Encontramos aqui as idéias externadas por Lucien Febvre em seu belo livro *sôbre Babelais et le Problème de l'Incroynance au XVI. siècle*. Notemos, finalmente, que essas conversões do catolicismo são sempre o grande meio de recrutamento do protestantismo brasileiro: uma lista de recebimento de membros professos na Igreja Presbiteriana Filadelfia de Sorocaba (*Puritano*, 10-6-50) indica seis em oito, vindos do catolicismo.

(34). — *Santo Antônio*, 1936, pág. 8-10; 1935, pág. 101-106.

entretanto, foi acompanhado do aparecimento de um grande número de padres que controlavam cuidadosamente a atividade dos fiéis — e, nesse instante, eles não existem no Brasil. Os vinte “diretores leigos dos cultos católicos” de Campo Formoso, não correriam o risco de ser um pouco abandonados a si próprios? E o que parece mais grave foi a substituição pelo ensino, da vida sacramental, como elemento principal da vida religiosa católica. Antes mesmo de criar seus “cultos católicos”, o cura de Campo Formoso, para poder multiplicar suas viagens pelo sertão de sua paróquia, suprime todas as missas da matriz, salvo a de domingo. Com respeito às estatísticas da prática eucarística, escreve: “Mil comunhões por mês podem ser o resultado de trinta almas piedosas que diariamente se achegam à mesa do Senhor: elas, entretanto, significam pouca coisa (*ein Etwass*) para a vida da comunidade da paróquia”. Mais vale para esta que elas representem um numero maior de fiéis, principalmente homens, embora comunguem menos vezes. Será então que o sacrifício da missa, celebrada diante de um pequeno número de fiéis, não tem valor em si mesmo? E será que um grupo de almas ardentes, centro de preces e de vida sobrenatural não é, a seu ver, uma bênção para uma paróquia? Um protestante pode apenas suscitar a questão. Poderá, todavia, observar que se, para um padre, o fim a atingir, pelo menos momentaneamente, é uma paróquia onde os leigos tomem uma parte praticamente preponderante e onde a vida sacramental seja reduzida em benefício do ensinamento, sua própria Igreja se encontra, ao mesmo tempo, justificada e muito melhor preparada por uma longa tradição, e que — desde que a copia declaradamente — o original protestante possui mais possibilidades de vitória que a cópia católica. A própria expressão “culto católico” lhe faz pensar nesse cognome de “padre protestante”, dado a José Manuel da Conceição, quando ele tentou iniciativas, no final das contas, semelhantes a estas que acabamos de descrever. Outros fatos, que o enchem de satisfação, vêm confirmar seus sentimentos; principalmente essas Semanas e êsses Congressos Bíblicos Católicos, realizados desde alguns anos, a “Liga de Estudos Bíblicos” e o “Domingo da Bíblia”, que se procura solenizar em todas as paróquias (35). Quando, passando por Alpinópolis onde, como já dissemos, foi queimado um templo protestante em 1935, vê que aí se constrói uma nova igreja católica, quase despida de imagens santas e ouve dizer que “os católicos de mais influência querem a igreja com poucas imagens” (36), êle não pode deixar de pensar que, após oitenta anos de espera, as esperanças de Conceição estão prestes a realizar-se — e resta apenas continuar seu caminho e sua obra.

(35). — *O Estandarte*, 31-3-50.

(36). — *Ibidem*, 15-7-50.

Essa é também a opinião de outrôs, na Igreja que não é a sua. "Os católicos, escrevia o cura de Campo Formoso no fim de seu relatório, alguns são fervorosos, entusiasmados, outros medrosos". Conhecemos bem as lutas às quais dão lugar a Ação Católica e a nova orientação do catolicismo, para que seja necessário insistir. Não cabe ao historiador julgar nem prever. Pode apenas observar que o protestantismo, vitorioso em seu esforço de implantação no Brasil, começa a agir sôbre a Igreja tradicional, apenas por sua presença e pelos problemas que suscita.

É verdade que seu próprio sucesso traz, a êle também, novos problemas, que indicaremos, distinguindo aquêles das "velhas Igrejas", de mais de meio século e algumas de quase um século, e aquêles que lhe advêm de sua transplantação a países inteiramente novos ou de sua adaptação a condições sociais e espirituais que até então lhe eram desconhecidos.

Os problemas do "corpo protestante". Escreveu-se recentemente (37) que "os sucessos de suas diversas missões não impede — segundo os católicos — o protestantismo brasileiro de ser um produto de importação. Vêde o eucalipto, diz-se, que prospera admiravelmente em nosso solo, mas guarda sempre seu caráter de árvore estrangeira. O mesmo se dá com o protestantismo". Esta impressão, e esta crítica, que não eram justas há cinqüenta anos, são-no naturalmente menos ainda em nossos dias. Põndo de parte as províncias do sul, onde o germanismo apresenta problemas especiais a todo o país e não apenas ao protestantismo brasileiro, êste muito se assemelha, em suas origens e composição étnicas, ao conjunto da população.

Por falta de dados de absoluta certeza, podemos obter indicações aproximativas sôbre êsse assunto, através do estudo da relação de fiéis publicadas por ocasião das diversas atividades das Igrejas. No que diz respeito às grandes Igrejas de grandes cidades, a lista dos contribuintes da Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo, em maio de 1948 nos mostra, para 542 fiéis, uma centena possuidora de nomes de aspecto não lusitano (20 nomes italianos, 10 ingleses, 10 alemães, 6 sírios, 2 franceses, 1 russo, 1 polonês, 1 escandinavo, 1 armênio): esta proporção não é exagerada para uma cidade de grande população de origem estrangeira, tanto mais que é, ainda, diminuída por uma quinzena de casos onde uma filiação lusitana é indicada ao lado de um nome estrangeiro (de Moraes-Kerr, Amaral-Braghini, Diederichsen-Vilares, etc.). Para as Igrejas dos bairros e das cidades de menor importância, eis um relatório sôbre as subscrições em favor das novas construções do Seminário Presbiteriano de Campinas (38):

(37). — Roger Bastide.

(38). — O Seminário Presbiteriano, Campinas, abril, 1948.

	Signatários	Nomes italianos	Alemães	Poloneses	Sírios	Armênios
Araraquara	25	1	2			1
Barretos	15	1	1		2	
Frigorífico	15		1	1		
Jaboticabal	20	1	1			
Guariba	10	2		1	2	
Catanduva	30	3	1		2	

Seja uma proporção de 22 signatários possuidores de um nome estrangeiro para 115. A proporção dos possuidores de nomes estrangeiros aumenta nas novas Igrejas das zonas pioneiras. A lista de "oficiais" da Igreja batista de Ponta Grossa (Paraná) apresenta 30 nomes lusitanos para 6 italianos e 3 alemães, que correspondê a uma população onde os imigrados são um pouco mais numerosos, mas não faz desta igreja um agrupamento de alógenas. Daremos, no capítulo seguinte ou em apêndice, algumas indicações sôbre os casos especiais das Congregações Cristãs do Brasil, originariamente recrutadas entre os italianos e entre as comunidades protestantes japonesas: notemos desde já, que as primeiras são, agora, de população na sua maioria indígena, e que os japoneses protestantes, que se casam espontâneamente, como todos os seus compatriotas, no meio brasileiro, já começaram a evangelização em língua portugueza, em beneficio de seus vizinhos. Notamos, nas relações dadas acima, o número relativamente importante de nomes sírios. É interessante encontrar entre êsses elementos de origem oriental uma proporção de proprietários e intelectuais rurais maior, ao que parece, que no conjunto da imigração sirio-libanesa: o protestantismo paulista encontra, entre êles, um de seus professores de Faculdade e um deputado (39). Para os negros, que poderíamos pensar serem numerosos em certas comunidades religiosas não desprovidas de emocionalismo religioso, a porcentagem não parece revelar nada de extraordinário. Pierson (40) estudando o auditório de duas igrejas protestantes da Bahia, uma presbiteriana e outra batista encontra, em 157 crentes, a seguinte porcentagem, sendo interessante compará-la com porcentagens dadas pelos católicos e espíritas, e também com as porcentagens dos nascimentos nessa cidade (em 1932):

	Protestantes	Católicos	Espíritas	Nascimentos
Branços	42,7%	40,8%	38,2%	30,7%
Mulatos	29,9	33,3	35,6	54
Pretos	27,4	25	26,2	15,3

(39). — O relatório publicado pelo Expositor Cristão (20-7-50) de um "Concílio distrital" metodista, realizado em Barbacena (Minas) menciona muitos nomes sírios dessa comunidade, principalmente "o jovem irmão José Jorge Abd Elnour" que "conduzia todos os conciliários em seu luxuoso carro". No mesmo número, a notícia de um casamento entre dois sírios, membros da igreja metodista de Itapemirim (Esp. Santo).

(40). — Brancos e Pretos na Bahia (S. Paulo, 1945) pág. 255-256.

É interessante observar que a porcentagem dos protestantes, embora próxima das demais, é maior em brancos e negros, em detrimento dos mestiços. É lamentável que Pierson não tenha considerado à parte as comunidades batista e presbiteriana, indicando, por outro lado, se era idêntico seu nível econômico e social: é curioso notar como os sociólogos podem ignorar as *nuances* na observação dos fatos religiosos. É possível que a Igreja batista que Pierson conheceu compreendesse número um pouco maior de pretos que a presbiteriana, pois na primeira dessas denominações as comunidades são, na maioria das vezes, mais populares que na segunda. Em todo o caso, não encontramos em parte alguma do Brasil Igrejas protestantes de pretos, como acontece nos Estados Unidos, nem mesmo nada que se assemelhe às confrarias negras do catolicismo brasileiro. Houve, como veremos no capítulo seguinte, certas comunidades, algumas vezes criadas por pretos nas quais os homens de côr eram, no início, particularmente numerosos: atraíram, entretanto, brancos da mesma classe. Para as Igrejas do centro do Brasil, as informações que pudemos obter e as numerosas fotografias de comunidades, escolas dominicais e grupos de jovens publicadas pelos jornais religiosos, levam à conclusão de que a proporção de pretos e mulatos é fraca, enquanto o elemento caipira (muitas vezes com característicos índios) é bem grande, quer se trate de Igrejas do campo ou das cidades do interior.

O estado econômico e social do corpo protestante brasileiro, na época atual, é difícil de se apreciar. Neste ponto também faltam completamente dados precisos, e é apenas por aproximações que podemos obter algumas indicações a este respeito. Em 1948, a Igreja Presbiteriana estava empenhada na construção de seu novo Seminário de Campinas. Pensava-se que entre seus 50.000 membros professos, seria possível arrecadar Cr\$ 600.000,00 em 20.885 cotizações em benefício dessa obra. Eis como foi feito esse cálculo (41):

5 de 5.000 cruzeiros	200 de 200 cruzeiros	2.500 de 25 cruzeiros
10 de 2.000 cruzeiros	500 de 100 cruzeiros	3.000 de 20 cruzeiros
20 de 1.000 cruzeiros	1.000 de 70 cruzeiros	2.500 de 15 cruzeiros
50 de 500 cruzeiros	1.000 de 50 cruzeiros	3.000 de 10 cruzeiros
100 de 250 cruzeiros	2.000 de 30 cruzeiros	5.000 de 5 cruzeiros

Vemos, pois, que a metade desses "crentes" zelosos é considerada incapaz de dar mais de 15 cruzeiros; 10.000 dariam de 20 a 100; 385 apenas de 200 a 5.000. Esta proporção parece corresponder a um "corpo social" de composição normal, onde a repartição das classes é análoga à da sociedade que o cerca. Nos velhos protestantismos de minoria, como o da França, há uma es-

(41). — O Seminário Presbiteriano — abril de 1948.

pécie de nivelamento em benefício da burguesia, ou melhor, da classe média, pelo fato da absorção da aristocracia protestante pela alta sociedade católica, e da ascensão de elementos "populares". Esses fenômenos surgem no protestantismo brasileiro das "velhas" igrejas e das regiões onde ele se encontra há muito tempo instalado. Há, por outro lado, muitas fontes novas de recrutamento para que a situação seja diferente e que, encarada no seu conjunto, apresente alguma gravidade.

A campanha financeira para o novo Seminário de Campinas calculava que cada um dos "presbitérios" da Igreja presbiteriana asseguraria a coleta de Cr\$ 30.000,00; ora, desde o início, o presbitério do Rio prometeu Cr\$ 60.000,00 e o de São Paulo Cr\$ 100.000,00 (42). Isto significa que aí não faltam fortunas. Realmente, quem quer que participe de um culto da Igreja Unida de São Paulo, com sua impressionante fila de automóveis ocupando toda uma parte da rua Helvétia, aí vê espelhada a potência do comércio do café; quem conheça os planos da grande igreja que os presbiterianos independentes desta cidade estão construindo, ou visite as usinas, propriedade das personalidades mais conhecidas das "Congregações Cristãs do Brasil", adivinha a potência financeira do protestantismo brasileiro.

● Pode ser, é verdade, que o protestantismo não mais possua, em São Paulo, na sociedade aristocrata, os representantes que possuiu há cinqüenta anos — e o observador nota, com alguma admiração, que isso tenha acontecido outrora. Ora, se o fato é verdadeiro, tende simplesmente a confirmar que esta sociedade tende a

(42). — A Igreja Unida de São Paulo deu imediatamente duas contribuições individuais de 14.000 cruzeiros cada uma. Poderíamos pensar em encontrar relações mais precisas nas listas de contribuições que publicam os boletins paroquiais. Realmente, elas não nos podem dar indicações úteis sobre a situação econômica dos contribuintes pelo fato de sua contribuição depender de seu zelo tanto quanto de suas posses (mesmo quando não se trata da doação do dízimo, da qual falaremos adiante) e pelo fato de ser impossível estabelecer a unidade de contribuição (certas famílias contribuem em bloco, outras individualmente). Eis, entretanto, dados extraídos em duas dessas listas. O "Movimento financeiro do mês de maio de 1948" da Igreja Unida acusa 101 membros não contribuintes e 532 contribuintes. Realmente, por uma série de diversas circunstâncias, o total recebido, de Cr.\$ 19.220,00, representa 418 contribuintes mensais, com uma média de Cr.\$ 46,00 para cada um, e o seguinte pormenor: 182 de 1 a 10 cruzeiros (dos quais 68 de 5 cruzeiros e 110 de 10, devendo tratar-se, muitas vezes de jovens dependentes de suas famílias), 116 de 15 a 30 cruzeiros, 58 de 35 a 50, 35 de 55 a 100, 16 de 120 a 200, 10 de 250 a 400, e um de 696 cruzeiros. O "Movimento financeiro da Igreja Presbiteriana Conservadora de São Paulo referente ao mês de julho de 1950" acusa 72 contribuições para um total de 3.240 cruzeiros e uma média de 45 cruzeiros, mas a metade das famílias desta comunidade pratica a contribuição individual o que, confundindo as contribuições de crianças jovens e pais de família, impede de tirar alguma conclusão. Além disso, essa igreja havia dado, no mesmo mês, 1.840 cruzeiros entre coletas e ofertas e 2.845 para a liquidação de contas de sua nova instalação. Encontramo-nos diante de uma comunidade de grande dedicação financeira e de grande zelo, na qual as cifras — quer se trate da moeda da viúva ou das contribuições de famílias ricas ou abastadas — ultrapassam todo o valor de teste econômico para se tornar o termômetro do fervor religioso e eclesiástico.

desaparecer — isto é, a dos “paulistas de quatrocentos anos” que o Império distinguia com títulos de nobreza, e que eles não eram menos simples que os velhos aristocratas de antiga estirpe. Possuía ela como base econômica as fazendas de café do centro do Estado, e sabemos o que foi feito dêles. Os descendentes protestantes do Brigadeiro Luiz Antônio existem ainda, e muitos outros que podem seguir sua linhagem genealógica até os reis de Leon, mas que não se desiguaram no comércio de imigração: são professores, pastores, advogados ou médicos, e não possuem o tempo, nem suas espôsas o gosto, de freqüentar os *coquetéis*. Vemos, assim, produzir-se entre eles um fenômeno social semelhante ao das nobrezas dos senhores de terras, católicos ou protestantes, da França, últimos representantes de uma aristocracia de sangue que está desaparecendo.

Que eles não sejam recolocados na nova “classe superior”, isso se explica por outro fato social e psicológico bem conhecido. A antiga aristocracia, habituada à sua fortuna e acreditando na sua segurança, não possuía uma preocupação constante dessa fortuna, seja para regosijar-se em possuí-la ou para temer perdê-la. Culta e generosa de espírito e coração, era liberal e atraída por tôdas as idéias novas: o protestantismo pudera, pois, influenciá-la, assim como a fé republicana sob o império e mais tarde as idéias sociais, algumas das mais avançadas. A alta-sociedade — *ersatz* de hoje (e o fato é mundial) cuja fortuna é nova e ameaçada, está, ao contrário, unicamente preocupada com as “fôrças de conservação”. A Igreja católica parece-lhe una, especialmente nos países afastados dos grandes centros de vida católica, onde não se pode julgar as tendências desta. Cinquenta anos depois da alta burguesia francesa, a nova “sociedade” brasileira se torna conservadora e, por razões de conservação social, estreita seus laços com uma igreja católica, à qual, aliás, evita dar seus filhos como padres e da qual desaprova as iniciativas perigosas e os filhos transviados como o Pe. Ducatillon, Maritain e o cônego Cardyn.

O fato é, aliás, mais paulista que brasileiro em geral. Nos Estados onde a alta sociedade baseia-se ainda na terra, o protestantismo sempre tem seu lugar, corroborando o fato de suas origens e fôrças residirem sobretudo nos grandes proprietários de terras. O nome dos Macieis em Minas e dos Nogueira Paranaguá em Piauí significa alguma coisa. É significativo o fato de que o pastor e professor Ernesto Luiz de Oliveira tenha sido, durante algum tempo, Secretário do Departamento da Agricultura do Paraná (43) e

(43). — Havia sido antes oficial de Gumerindo na revolta federalista do Rio Grande, engenheiro, professor, pastor da Igreja Presbiteriana Independente no Rio, tendo regressado ao pastorado depois de sua passagem pela política; membro da Academia Faranaense de Letras: *Anais*, pág. 534 — *Estandarte*, 7-1-43. V. também *Ibidem* pág. 628 a notícia relativa ao pastor batista Edifigênio de Sales, que foi governador da Amazônia e senador Federal.

o batista Luiz Alexandre de Oliveira, deputado federal de Mato Grosso; que o Rev. Antônio Teixeira Gueiros, pastor da Igreja Presbiteriana de Belem, seja vice-governador do Pará; e não será indiscreto, sem dúvida, notar que o pastor da Igreja Presbiteriana de Fortaleza, Rev. Natanael Cortês, é um dos grandes fazendeiros da região, proprietário de usinas de açúcar e de um banco (44).

Regosija-nos o fato de que as classes liberais e o comércio sejam abundantemente representadas no protestantismo brasileiro de hoje. Quanto às primeiras, basta observar o ensino do país para saber que a porcentagem de protestantes aí, é relativamente grande: o mesmo acontece em todos os lugares, principalmente na França, o que pode produzir resultados bastante curiosos em certos setores dos altos estudos desse país. Com relação aos advogados, médicos, ou homens de negócios, basta abrir as últimas páginas dos jornais protestantes e ver-se-á que não faltam aos leitores, correligionários, quem possa cuidá-los, defendê-los ou velar pelos seus interesses. O comércio, grande e pequeno permite belas vitórias a negociantes e homens do comércio que se recomendam, principalmente, pela honestidade geralmente reconhecida entre os meios protestantes (45). Este se orgulha, muitas vezes, em insistir sobre a rápida ascensão econômica e social de muitos de seus membros: é um dos aspectos dessa contestável apologética do sucesso que opunha voluntariamente as nações progressistas e (ou porque) protestantes e os países "em atraso" e (ou porque) católicos. Os apelos financeiros para as instituições religiosas frequentemente insistem neste ponto: é assim que os presbiterianos, reunindo dinheiro para seu novo seminário provavam que "na história da Igreja há a grande verdade, mil vezes repetida, de que o auxílio às grandes causas do Senhor jamais prejudicou aos crentes ou às suas igrejas" (46). Ouvimos um pregador declarar que "os filhos de crentes se tornam geralmente ricos" e que nesse fato reside uma bênção divina (sobre o que não nos pudemos impedir de pergun-

(44). — O "irmão" batista da Alta Paulista que pode transportar seu pastor em seu avião particular de Tupã a Inúbia (*Jornal Batista*, 12-1-50) não deve ser apenas um sitiante.

(45). — "O prestígio dos negociantes evangélicos era notável. Café, remédios e outras mercadorias vendidas pelos protestantes tiveram concorrência espantosa na praça. Um batista, funileiro em Amargosa, embora denunciado constantemente pelo padre como herege perigoso, não podia atender a todos os seus fregueses que sabiam avaliar a honestidade de seu trabalho. Uma modista crente da mesma cidade foi denunciada pelo padre, acompanhado de uma multidão de seus emissários, e o trabalho dela cresceu cada vez mais desde aquele tempo. O povo em toda parte confiava na palavra do protestante e acreditava na honestidade de seu serviço e trabalho. Um criminoso, aproveitando este sentimento popular, declarou-se protestante e foi absolvido pelo júri". (*História dos Batistas do Brasil*", t. 1, pág. 115). Esta página foi escrita no início deste século, mas a confiança na honestidade dos protestantes, da qual já provas, deve ter continuado, se acreditarmos neste anúncio do *Jornal Batista*, onde um comerciante de máquinas de costura do Rio teve o cuidado de esclarecer: "Não exigimos fiador aos crentes do Distrito Federal".

(46). — *O Seminário Presbiteriano*, abril 1948.

tar a êsse inesperado discípulo de Max Weber se isso não representava também uma prova, e mais árdua que a perseguição). Causava alguma admiração a reação do historiador americano dos batistas brasileiros, contra o desdem mais ou menos velado manifestado a essa comunhão — como sendo “um grupo socialmente inferior” — pelas “denominações tão preocupadas pela cultura a ponto de não se ocupar das classes menos privilegiadas da sociedade”: essa reação consistia em lembrar “quantas vêzes os filhos pobres de uma geração se tornam os ricos da geração seguinte” (trata-se dos batistas) e “os filhos dos analfabetos se educam para ocupar postos de direção à frente do povo” (47). É verdade que o historiador brasileiro da mesma denominação se compraz em revelar as conquistas “socialmente brilhantes” que ela realizou no Brasil: contando a história da Igreja batista de Manaus, mostra-se bem severo contra a juventude dessa comunidade que, tendo sido dirigida por velhos da melhor sociedade, abriu “indevidamente” suas portas a “pessoas de tôdas as classes sociais” (48).

Falaremos num capítulo seguinte sôbre os trabalhadores das cidades, e dos novos problemas que êles apresentam ao protestantismo. Até agora, entretanto, a maior parte do povo protestante é constituída por trabalhadores agricolas e pequenos proprietários. O excelente livro de D. Maria de Melo Chaves nos permite conhecer da maneira mais viva e precisa, a vida dos proprietários do Triângulo Mineiro, que abriram essa região ao protestantismo. Filhos de velhas famílias descendentes algumas vêzes da nobreza imperial, tiveram princípios difíceis na sua juventude: mas à força de energia e espírito de iniciativa, seus sítios se transformavam frequentemente em boas fazendas. Parece que o mesmo aconteceu aos proprietários metodistas de Cunha (São Paulo), que Emilio Willems descreveu em têrmos precisos (49).

Introduzido em 1901 em um dos centros periféricos de população dêsse município, Jericó, o protestantismo aí prosperou a tal ponto que chegou a abranger cêrca de 300 famílias, isto é, a maioria dos habitantes; o mesmo aconteceu em um centro igualmente afastado, Cume, enquanto em Cunha as reações católicas interditavam, como vimos, a propaganda evangélica. Nesses dois bairros, as fazendas e os sítios pertencem aos protestantes, enquanto os católicos pertencem à classe inferior, sem que saibamos se o fenômeno é antigo, tendo o metodismo dominado desde o início o meio mais abastado, ou se seus adeptos se elevaram progressivamente a êsse meio. As vendas de Jericó são tôdas protestantes, com excepção de uma apenas, situada fora da aglomeração: é a única onde os amadores (todos católicos) podem beber alcool e jogar, e isso lem-

(47) — História dos Batistas do Brasil, t. I, pág. 334.

(48) — Ibidem, t. II, pág. 135.

(49) — Cunha, pág. 67-70, 92, 102, 132.

bra essas regiões rurais, na direção do norte do Paraná, bem conhecidas dos viajantes de jardineiras a quem os choferes anunciam antes de ali chegar: "Se quiserem beber, fumar ou jogar, podem fazê-lo agora, porque vamos entrar entre os protestantes, e então nem fumo, nem pinga, nem jôgo".

Os proprietários metodistas de Cunha são os mais progressistas do município: alguns produzem eletricidade para seu uso, o que lhes permite possuir grande material, introduzem culturas novas ou distintas (possuem algumas oliveiras) e tratam das picaduras de cobras com injeções de soro e não com fórmulas mágicas. Preocupados com a instrução cuidam da de seus filhos, recebem os jornais metodistas; um deles possui, mesmo, uma enciclopédia. Finalmente, — e isto é particularmente interessante — a vida familiar é muito mais unida entre eles que entre os católicos: não se reúnem ao redor da mesa apenas para o culto cotidiano, mas também para as refeições, hábito elementar de sociabilidade que não existe entre os outros habitantes rurais do país.

Encontrámo-nos aqui diante de velhas regiões agrícolas protestantes, e seria possível citar muitas outras nas quais a fé evangélica, instalada há muito tempo nos campos, conduziu seus fiéis, ● senão a uma prosperidade, pelo menos a um tipo de vida que os distingue de seus vizinhos. Muitas dessas regiões, entretanto, se despovoam. O aburguezamento faz sentir seus efeitos: a vida urbana e as profissões liberais exercem atração sobre os filhos e netos dos agricultores mais abastados (ou, ao contrário, daqueles cujos negócios começam a ir mal). O fenômeno, geral, se apresenta com maior força ainda nos meios agrícolas protestantes, tendo como causa a instrução destes, superior à média, seu espírito de iniciativa e o amor ao risco, próprios aos fiéis de uma religião que jamais fez da resignação uma virtude. Os numerosos colégios protestantes, proporcionam aos jovens da classe rural ocasião de conhecer a cidade e, mais tarde, de aí se instalarem. A própria vocação pastoral, freqüente entre os jovens dessas populações, contribui para fazê-los citadinos.

Há ainda outra particularidade no Brasil além dessa atração das cidades. Deffontaines escreveu que o caboclo possui uma mentalidade nômade. Mas o pioneiro, habituado ou obrigado aos deslocamentos, por uma vocação de bandeirante, pela preocupação de um ganho maior em terras mais férteis e, muitas vezes pelo exgotamento daquelas onde já trabalhou, em princípio não é mais nômade, psicologicamente, que um professor de geografia (ou história) que corre o mundo em busca de novos assuntos de estudo. Digamos, pois, que o caboclo possui uma mentalidade de "fabricador de terras", e saudemos nele o representante desses "hospites" que, na Idade Média, derrubaram e cultivaram a selva europeia.

Mas acima do caboclo há o fazendeiro, em que todo caboclo um pouco enérgico e progressista, isto é, todo caboclo protestante, espera tornar-se. Ora, se dermos crédito a Vivaldo Coaracy (50), o fazendeiro, principalmente o fazendeiro de café, “não é agricultor, não é lavrador, apesar da predileção que manifesta por esse título, . . . não tem amor à terra, não se sente, como o verdadeiro lavrador, radicado ao solo. . . É um negociante de café e de fazendas”.

A essas disposições herdadas das circunstâncias históricas e locais (51) o agricultor protestante ajunta, ainda, aquelas indicadas acima. Reunidas, elas o obrigam ao movimento. Êle é também particularmente instável, e êsse traço é assinalado de forma interessante em uma dessas historietas nas quais já fomos buscar algumas anotações psicológicas (52). Fala de um “crente” que mudava constantemente de residência e não se fixava em parte alguma:

“Um irmão de espírito muito crítico dizia que, em sua casa, as galinhas apenas ouviam o movimento de um móvel já se deitavam tôdas sôbre um dos lados e levantavam as patas, afim de serem amarradas e enfileiradas num bastão para a mudança habitual. Outro dizia que o lugar onde êle permanecera maior tempo fôra o seio materno, visto que nascera com sete meses!”

A história nos mostra também regiões agrícolas protestantes, naturalmente aquelas onde a terra já se encontrava exgotada, onde são constantes as partidas, as constantes “mudanças de crentes”, lamentáveis para os pastores que vêm sofrer suas igrejas, mas agradáveis para aqueles que, mais longe, delas se aproveitam. No Estado de São Paulo, principalmente, o rural protestante é um cafeicultor. Os holandeses que vêm, atualmente em colônias, para tornar novamente férteis as terras exgotadas talvez os tornem mais fixos. Por ora, não sendo estrangeiro, mas caboclo e portanto pioneiro, e, se possível, “negociante de fazendas” êle segue o “roteiro do café” determinado por Sérgio Milliet. O protestantismo apparecera havia já cem anos, nos sítios e fazendas da região de Brotas, Rio Claro, Dois Córregos, justamente no momento em que o

(50). — *Problemas nacionais* (São Paulo, 1930) pág. 49.

(51). — Essas circunstâncias gerais e suas conseqüências foram objeto de excellentes estudos apresentados ao IX.º Congresso Brasileiro de Geografia, e publicadas, totalmente ou em resumo no terceiro volume de seus *Anais* (Rio 1944). Notemos aí especialmente, um trabalho completo e preciso “Estudo sôbre a evolução da repartição das densidades humanas no Estado de São Paulo”, (pág. 689-708) de nosso colega João Dias da Silveira, o resumo (pág. 710-713) do trabalho de d. Antonieta de Paula Souza “Expansão da propriedade rural paulista”, uma importante contribuição de Alberto Ribeiro Lamego, “O homem e o brejo”, sôbre Campos (Rio de Janeiro) e sua região (pág. 207-429) além de communicações de menor importância sôbre as localidades de Santo André, Poços de Caldas, Casa Branca, Marília, Franca, Catanduva e Jaboticabal. É interessante que nenhum desses estudos se preocupou com a presença de milhares de cultivadores e habitantes protestantes nas regiões consideradas.

(52). — *Risum Teneatis*, pág. 56.

café a tornava rica. Esse belo tempo passou e Rio Claro permanece gentilmente extenuado no encantamento melancólico de suas ruas silenciosas, suas casas rosadas e seus belos jardins. Também sua velha Igreja presbiteriana está em decadência, não obstante o zelo de um excelente pastor, o antigo missionário que reerguera a obra de sua denominação em Portugal. O mesmo aconteceu a todo seu "presbitério", isto é, a todas as Igrejas da região, velhas Igrejas históricas, mães do protestantismo paulista. O número total de seus membros professos no fim de 1948 (53) — 1.354, para nove Igrejas, duas congregações e nove pastores — havia diminuído de 40 unidades do ano precedente. O número de suas aquisições anuais, 44, era pequeno e parecia menor ainda pelo fato de ter havido 9 transferências de outras comunidades, apenas 27 profissões de fé, e 8 restaurações, isto é, readmissões à comunhão de membros que haviam sido excluídos. A esta última cifra correspondem, infelizmente, 12 eliminações no ano, e, se isso revela que o Presbitério mantém firme sua disciplina, a comparação revela, também, um estado espiritual inquietante para a Igreja Presbiteriana pelo menos, pois às vezes se trata de passagens para os grupos pentecostais e, principalmente, para as "Congregações Cristãs do Brasil", ativas nessa região, como nos mostra o fato de, nesse mesmo ano, terem elas obtido, em Rio Claro, um "prédio próprio" para seu culto.

Do centro do Estado, os cultivadores protestantes se introduziram, em primeiro lugar, mais para o Oeste, principalmente para Avaí, Guaricanga, Balbinos e outros municípios da E. F. Noroeste do Brasil. Isso aconteceu durante o tempo de mais de uma geração. Nas localidades que acabamos de citar, a história do movimento foi esboçada de maneira precisa com relação às Igrejas Presbiterianas Independentes (54). Quando se deu a secessão de Eduardo Carlos Pereira, uma de suas belas conquistas no interior do Estado foi a da Igreja de Lençóis-Agudos, onde o presbiterianismo se havia organizado perto de 1880. A comunidade presbiteriana independente desenvolveu-se tanto nesse lugar, a partir de 1905, que finalmente contava 245 membros professos: em 1942 não contava mais que 60, embora tivesse, então, um pastor residente, e fôsse, de acordo com seu relatório, bem organizada e animada. Mais a oeste a Igreja Presbiteriana Independente de Guaricanga, também constituída em 1905, fôra bem importante, a ponto de ter um diaconato: em 1942, as "muitas mudanças", as "contínuas mudanças" haviam-na reduzido a um diácono e 50 membros professos. Essa foi a história da igreja vizinha, de S. Luiz de Guaricanga, que "as contínuas mudanças que tem havido última-

(53). — Prestação de contas da Reunião do Presbitério, no início de 1949 (O Puritano, 25-3-49).

(54). — O Estandarte, 7-1-43, pág. 51.

mente” diminuíram a ponto de não contar mais de 48 membros professos e 44 crianças; e das igrejas de Soturna (40 professos e 49 crianças), Bariri (34 professos e 31 crianças), Balbinos (19 professos, 4 não professos e 26 crianças) e Avaí (14 professos e 11 crianças), tôdas elas profundamente atingidas pelas mudanças de seus membros. Felizmente, o autor dessas notícias indicou as regiões e Igrejas que se beneficiaram com essas mudanças. Bem próxima, mas já mais a oeste, a cidade de Pirajuí, em favor da qual a atração urbana sem dúvida contribuiu, e onde se constituiu, em 1939, uma Igreja presbiteriana Independente, forte para um início, com 59 membros professos e 74 menores batizados. Mais adiante, Simões e Sabino, nos municípios de Cafelândia e Lins. Mais longe ainda um belo grupo de novas Igrejas em Glicério, Brauna, Birigui, Araçatuba e Lauro Penteado. A prova de que os Presbiterianos Independentes não constituem, nessas regiões, apenas o testemunho de um movimento geral dos agricultores protestantes, está no fato de que suas grandes denominações são, atualmente, representadas nessas localidades. Parece, entretanto, que mesmo essa região não foi senão uma etapa na direção da fronteira de Mato Grosso, onde a região de Fernandópolis, Indiaporã e Três Fronteiras, vê multiplicarem-se as comunidades protestantes, e na direção dessas zonas novas do Paraná onde, elas tendem a dominar: a prova está na Igreja Batista de Coroados, de onde vieram 15 de seus 25 membros afim de constituir (29 de janeiro de 1950) uma Igreja dessa denominação em Ibaiti, quase no término atual do entroncamento que, de Venceslau Braz, ganha o interior do Paraná (55).

O protestantismo agrícola do Estado de São Paulo, não é, naturalmente, a única vítima dessa mobilidade de seus membros. Vemos as Igrejas metodistas de Laranjais e Vargem Alta, no norte do Estado do Rio, quase a pique de se despovoarem (56). “A região é pobre, as terras estão sugadas, a mocidade que vem vindo em pequeno número e com uma nova visão, sabendo das fertilíssimas terras do vale do Rio Doce, de Goiaz, Paraná, etc. preferirá sair, como está fazendo, indo para a baixada” (grande número de fiéis de Vargem Alta já se transportou para Friburgo). Durante êsse tempo, é verdade, a Igreja metodista próxima, de Vargem Alegre, ganha novo impulso de vida, pelo fato de estar no raio econômico de uma grande exploração açucareira, o Engenho Central, que, criando uma pequena cidade modelo, revalorizou a cultura da cana: já os protestantes do Estado de Minas, geralmente “bem aquinhoados”, se transferem para Vargem Alta. Curioso exemplo de mobilidade de uma mesma região, num sentido contrário.

(55). — *O Batista Paranaense* (março de 1950).

(56). — *Expositor Cristão*, 27-4-50.

Pastores, oficiais e fiéis.

Antes de estudar os problemas que se apresentam a êsses protestantes, cujo estado social acabamos de definir, vejamos como vivem êles, na Igreja e no mundo.

Em primeiro lugar os pastores. Sua origem social e cultura são muito diferentes, mas menos que antigamente, pois hoje tôdas as denominações possuem suas Faculdades de Teologia, Seminários ou Institutos Bíblicos, cujo nível se vai igualando. O espetáculo dado antigamente, por exemplo, pelo corpo pastoral batista — onde se encontravam moços instruídos, com lisonheiros diplomas, ao lado de prosélitos que, no dia de sua conversão, talvez nem soubessem ler — tende a desaparecer. O ministério se torna cada vez mais, como em todos os velhos protestantismos, uma função para a qual se prepara desde a adolescência, e que imprime em todos os seus membros uma fisionomia particular, com ou sem o colete eclesiástico que trazem os episcopais, e que alguns de seus colegas começam a invejar.

Esta fisionomia é, como em todos os países do mundo, a de burgueses aos quais a exiguidade de seus ordenados não permite parecerem grandes burgueses nem mesmo bons burgueses. É verdade que êsses ordenados, transformados em francois ao cambio oficial, fariam sonhar seus colegas franceses. De fato, êles não são, absolutamente, mais favorecidos. Sem dúvida também, como em todos os países do mundo, há denominações e Igrejas que podem ser um pouco mais generosas que outras. A Igreja Presbiteriana está entre elas e — sendo cada presbitério Soberano na matéria — o de São Paulo atinge quantias, aliás em proporção com a carestia da vida nessa grande cidade — que não são encontradas em outros lugares: o pastor de sua principal Igreja, está quase no nível de um bom funcionário. Êsse presbitério considera que "o mínimo necessário a uma vida modesta", para um pastor que se consagre unicamente ao ministério é de Cr\$ 3.500,00; a realidade é que, como êle próprio reconhece, essa média nem sempre é alcançada (57). Está bem longe de o ser, em todos os presbitérios dessa Igreja, e mais ainda nos de outras denominações. A relação do último presbitério de Sorocaba da Igreja Presbiteriana Independente (58) considera o mínimo vital como sendo Cr\$ 2.000,00 por mês (ao passo que era de Cr\$ 400,00 em 1930): seu orçamento para 1950 determina os vencimentos de seus dez pastores (segundo, é claro, sua antiguidade e encargos de família) de 21.600 a 38.400 cruzeiros por ano, isto é, de 1.800 a 3.200 cruzeiros por mês. Na jurisdição do Concílio Regional metodista do Norte (59) o vencimento do pastor celibatário vai de 900 a 1.100

(57). — Ver suas decisões 9 e 20. *Puritano*, 10-6-50.

(58). — *O Estandarte*, 15-3-50.

(59). — *O Expositor Cristão*, 18-5-50.

cruzeiros por mês; e o do pastor casado, de 1.100 a 1.300 cruzeiros, com um aumento das bonificações de antiguidade (5% do ordenado para cada cinco anos de serviço) e dos abonos para os filhos, cada filho "rendendo" a seu pai 5% dos vencimentos até os seis anos, 10% de 7 a 11, 12% de 12 a 18, ou a 21 em caso de estudo; um pastor de primeira categoria, possuindo de 20 a 25 anos de serviço e pai de quatro filhos, de 3; 9, 13 e 15 anos, por exemplo, receberá, pois, 2.385 cruzeiros por mês (60), ao que se ajuntarão mais 200 se exercer seu ministério em São Paulo ou Santos.

No total, vencimentos um pouco superiores ao salário dos trabalhadores, sobretudo se considerarmos que o aluguel é pago pela paróquia, no caso dela não possuir casa pastoral. É praticamente, situação semelhante à do pastor francês, que também tem abonos oficiais de seguros social e de filhos, que não existem para o seu colega brasileiro (61). E esses vencimentos apenas asseguram o meio de vida às famílias pastorais, em um como em outro país (62). Também o problema da profissão de arrimo, ou melhor, da profissão ganha-pão, se apresentou bem cedo aos pastores brasileiros, assim como começa a se apresentar aos franceses.

Muitos dentre eles se resolveram, desde os primeiros tempos, pelo exercício desta segunda profissão, completando seus vencimentos pastorais ou substituindo-os completamente, seja porque eles os renunciaram para aliviar as finanças de sua Igreja, ou seja porque esta (como as Congregações Cristãs do Brasil, pentecostais) se estabelecem sobre a base da gratuidade de todas as funções. Esses pastores são levados a isso pela pequena extensão do meio cultural (de sorte que, numa cidade de interior, todos os encargos liberais se oferecerão, com insistência, ao pastor), pela natureza profundamente "interessada" duma jovem civilização onde o valor é medido pela capacidade de "fazer dinheiro", por sua energia — diríamos, quase, sua virilidade — e pela extraordinária polivalência de uma classe culta que, como na Europa do século XVI, não conhece ainda as especializações que duram toda uma vida. Calvino protestou outrora contra essa polivalência e essa mobilidade, num famoso texto onde uma escola sociológica pretendeu haver encontrado a origem e a apologia do ativismo (e, por um lado, do ca-

(60). — Calculando que as porcentagens de suplemento não sejam feitas sobre os vencimentos básicos sem a gratificação suplementar.

(61). — Com relação aos seguros sociais, os pastores Congregacionalistas pertencem ao Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes, os batistas, episcopais e metodistas possuem organizações próprias a suas Igrejas, os presbiterianos Independentes estão estudando o projeto, os presbiterianos começam a pensar nisso: *O Puritano*, 25-1-50. Os ministros aposentados desta última denominação recebem de 700 a 850 cruzeiros por mês (mesmo jornal, 25-4-50).

(62). — Ver o artigo do Rev. Derly de A. Chaves, "A Igreja e a Família do Ministro (*Expositor Cristão*, 22-9-49). Indica, além disso, que os professores da Faculdade de Teologia são menos pagos que os professores de colégio e que mesmo os abonos de despesas dos bispos são insuficientes.

pitalismo moderno), mas que, inversamente, constitui a condenação do amadorismo (63). Podemos dizer que o Brasil se encontra, ainda, num estado precalvinista (64), principalmente muitos de seus pastores. São numerosos os exemplo daqueles — tais como Pereira, Trajano, Erasmo Braga, Ernesto de Oliveira, Henrique Vogel, Otoniel Mota e Jerônimo Gueiros (65), que exerceram o magistério ao lado do ministério, e aí se tornaram famosos. Jamais faltaram pastores médicos, e muito menos advogados ou homens de negócios. O mais surpreendente exemplo dessa multiplicidade de aptidões e funções foi dado pelo Rev. Bento Ferraz, coadjutor de Eduardo Carlos Pereira e fundador, em seguida, da Igreja Presbiteriana Conservadora: pastor em São Paulo, era também professor do ginásio do Estado em Campinas, advogado em Minas, homem de negócios, proprietário de usinas e banqueiro em São Paulo e no Rio.

Neste ponto o Brasil constitui exemplo para os protestantismos da Europa e, particularmente, da França. Êste encara o problema de saber se seus pastores também não deveriam possuir profissões suplementares, que os auxiliassem a livrar-se de uma vida muito restrita, mas que, por outro lado, os levariam a uma atmosfera de profissão e de casta que poderia afastá-los da vida e, por conseguinte, da compreensão de seus fiéis. Podemos afirmar que a aspiração das Igrejas brasileiras e, acredito, da maioria de seus pastores, é inversa. Diz-se, geralmente, que o pastor que possui outro emprego, negligencia seu ministério. ou, na maioria das vê-

(63). — "Deus ordena a cada um de nós observar sua vocação em cada um dos atos de sua vida. Porque Ele sabe como o entendimento do homem se abrasa na inquietação, com que inconstância é levado aqui e ali e de que ambição e cupidez é possuído ao empreender muitas coisas diversas ao mesmo tempo. Do mesmo modo, temendo que nós desordenássemos tôdas as coisas, na nossa loucura e temeridade, Deus, distinguindo êsses estados e maneiras de viver, ordenou a cada um o que deveria fazer. E afim de que nenhum ultrapassasse imprudentemente seus limites, chamou a tôdas essas maneiras de viver, vocações".

(64). — Ver, sobrê êsse assunto notável artigo do Rev. Júlio Andrade Ferreira "A Grande Partilha", em *Mocidade*, órgão da União da Mocidade Presbiteriana.

(65). — Antônio Trajano é, para o grande público, o autor de um conhecido curso de matemática, e Eduardo Carlos Pereira de um curso de gramática: foi em memória de seus méritos como educadores que seus nomes foram dados a ruas de São Paulo. A mesma homenagem foi prestada a miss Charlotte Kemper, diretora do colégio de Lavras, no Rio; a Remígio Cerqueira Leite em Santana (São Paulo) e Erasmo Braga em Osasco (São Paulo). Erasmo Braga (1877-1932), natural de Rio Claro, foi um conhecido representante da cultura brasileira e, em virtude disso, membro das Academias de Letras de São Paulo e Rio: ver a notícia a êle dedicada nos *Anais de Temudo Lessa*, pág. 533-554. No mesmo volume encontraremos justas homenagens ao Rev. Otoniel Mota, (pág. 620) que pertenceu à Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo e foi um dos ornamentos da Academia Paulista de Letras, e ao Rev. Jerônimo Gueiros, do Instituto Histórico de Pernambuco e da Academia Pernambucana de Letras.

zes, êle se mata (66). Podemos dizer ainda que a ocupação "leiga" tende a desenvolver nele uma mentalidade que nem sempre convém a suas funções religiosas: tal página da polêmica escrita pelo mais que polivalente Bento Ferraz, começa com um tom "espiritual", revela, no parágrafo seguinte, a lógica intransigente e abstrata do gramático, na terceira a subtileza do advogado, para terminar numa decisão precisa do homem de negócios. A autobiografia do mesmo pastor prova, também, como pode ser prejudicial a um guia espiritual imiscuir-se, baseado em suas próprias capacidades, nos interesses materiais de seus paroquianos; notamos, igualmente, a perda de crédito que pode sofrer um ministro que trabalhe como funcionário em alguma administração suspeita (67). Todas as denominações recomendam, também, a seus pastores, renunciar aos empregos exteriores; e, às comunidades, tornar possível êsse sacrificio (68).

É verdade que, mesmo nesse caso, o problema não se torna tão simples. O fato da existência de um pequeno número de pastores leva a se confiar, à maioria dêles, muitas Igrejas, cujos trabalhos são decuplicados pelas anexas (congregações) e pelos "pontos de pregação", muitas vêzes bem distantes do centro. Assim é que, em 1949, a Igreja Presbiteriana possuía 257 pastores para 336 igrejas, 108 congregações e 1.825 pontos de pregação; a Igreja Metodista, 93 pastores para 261 igrejas e 935 pontos de pregação. Os pastores encarregados, dêsse modo, de muitas comunidades recebem, algumas vêzes, suplementos e alguns podem ser tentados por uma mentalidade de "acumuladores" (69). Na maioria das vêzes êles se exgotam também, como seus colegas possuidores de profissões múltiplas: se não passam os dias a fazer idas e vindas debalde entre seus colégios, sua sala de cultos e as casas dos enfermos, estão constantemente nessa peregrinação. O quadro de serviço de

(66). — Um caso preciso, particularmente significativo, é citado em um artigo do *Puritano* (25-4-50). "O pastor exerce o magistério. Era, na ocasião, professor em três colégios; a sua média de trabalho no ensino era de treze aulas por dia; só êste serviço seria suficiente para extenuar qualquer organismo humano. Pois mesmo assim aquêle ministro estava sempre presente a tôdas as reuniões dos departamentos e sociedades da igreja; pregava três a quatro vêzes por semana; dirigia o seu campo, que é bem vasto, e com um bom número de congregações; fazia todo o trabalho que o presbitério lhe determinava; não descuidava de trabalhos sociais da cidade e da cooperação com outras denominações". Admoestado a pensar na impossibilidade de continuar nesse ritmo, renunciou ao professorado, o que significava, naturalmente, grande sacrificio material.

(67). — Mesmo artigo.

(68). — Principalmente deliberações dos presbitérios de Botucatu e do Rio (*Puritano*, 10 e 25 de abril de 1950). A primeira lembrava "uma determinação do Sínodo Meridional para que os ministros que ganham fora do ministério o equivalente do ordenado dos pastores de tempo integral nada recebam das igrejas que dirigem, se desejarem continuar a trabalhar como ministros".

(69). — Artigos severos a êste respeito no *Puritano* (10-7-50) e o *Cristão congregacionalista* (31-3-50).

três pastores metodistas do “Distrito Sorocabano” (São Paulo) dará uma idéia (70):

PARÓQUIA DE PRESIDENTE BERNARDES. — O pastor residirá em Presidente Bernardes ou Presidente Venceslau. Visitará duas vezes por semana Presidente Venceslau; mensalmente Vila Emília, Santo Anastácio, quilômetro 18 e 14; de dois em dois meses Pôrto Epitácio e Pôrto Tibiriçá, Abacaxá e Santo Expedito; Nova Pátria quando puder.

PARÓQUIA DE PRESIDENTE PRUDENTE. — O pastor residirá em Presidente Prudente e visitará mensalmente Espigão (antigo Mandaguari), Álvares Machado, Rancharia, Regente Feijó, Alfredo Marcondes; trimestralmente Coronel Goulart, Marinópolis e Jacaratã; anualmente Floresta, Montalvão, Boa Esperança, Pirapozinho e Timbó.

PARÓQUIA DE OURINHOS. — Capelas de Vila Odilon, Vila Nova, Vila Margarida, duas vezes a cada uma mensalmente, no mínimo; Salto Grande, Fábrica, quinzenalmente; Guaraiuva, Três Barras, Patrimônio dos Pintos, Furnas, Bela Vista, Pedra Branca, Água Branca, Água Suja, Água S. José, mensalmente. No centro, o pastor dará tôdas as quartas-feiras e domingos, à noite, e à Escola Dominical dois domingos. Abriço Samaritano semestralmente, às quarta-feiras, de manhã.

Compreende-se que um pastor da Igreja Presbiteriana Independente — onde, aliás, o corpo ministerial é particularmente pouco numeroso (71) — tenha podido somar 125.197 quilômetros percorridos em dez anos de ministério, em campos de trabalho que o obrigaram a dirigir um total de 19 igrejas (com um máximo de 19.098 kms. em 1943) (72). E não pensemos os pastores europeus que seus colegas brasileiros estejam magnificamente equipados para isso. Poderá haver, aqui ou ali, alguns *Fords* e *Jeeps*, mas nossos pastores ciclistas da França sorrirão com fraternal simpatia ao saber que o ministério metodista de Piquete e Lorena (São Paulo) encarregado de seis comunidades e anexos, “recebeu como presente de um grande amigo do Evangelho, uma bicicleta equipada para o trabalho de visitas pastorais” sobre a qual pode transportar o fonógrafo que acaba de comprar “para o trabalho na zona rural e as visitas pastorais aos enfermos” (73): por melhor equipada que seja, não é motorizada, e as estradas rurais do Vale do Paraíba certamente não se comparam às da França. A realidade sobre os meios de transporte pastorais, pode ser conhecida através dessa estatística de um velho e infatigável ministro da Igreja Presbiteriana Conservadora (74), estatística referente a seu ministério de seis meses em um campo muito vasto: “Dias gastos em

(70). — *Atas e Documentos do 20.º Concílio Regional do Centro*. (São Paulo, 1950), pág. 24-25.

(71). — Essa é a principal dificuldade dessa igreja bem animada: *Estandarte*, 31-3-50. Seu Presbitério de Sorocaba (São Paulo) possui apenas 10 pastores para 47 Igrejas e 200 Congregações e pontos de pregação.

(72). — Relatório do Rev. Sherlock Nogueira, atualmente pastor de Presidente Prudente (São Paulo). *Estandarte*, 15-5-50.

(73). — *Expositor Cristão*, 10 e 17-8-50.

(74). — Rev. Alfredo Alípio do Vale pastor do campo presbiteriano conservador de Jaú. *O Presbiteriano Conservador*, julho-outubro 1950.

viagem 106; quilômetros percorridos 3.569; de trem, 2.340; de jardineira 1.102; a cavalo 53; em caminhão 24; a pé 19; de automóvel 18; de charrete 13".

Daremos a continuação dessa estatística, que será exemplo preciso da atividade pastoral:

Batismos de menores: 13; pregações: 118; profissões: 3; recebido por adesão: 1; celebrações da Ceia do Senhor: 18; reuniões dos Conselhos (das igrejas): 15; das Assembléias das Igrejas: 3.

Lugares visitados: 14; visitas domiciliares: 102.

Capítulos da Bíblia lidos: 125; versículos lidos: 1.011.

Eis, igualmente em cifras, o resumo dos dez anos de trabalho do pastor em questão:

Igrejas pastoreadas: 19. Sociedades organizadas: homens, 1; senhoras, 6; uniões da mocidade: 8; infantis: 3. Pontos de pregação organizados: 8; Templos construídos: 8. Casa pastoral: 1. Casa de zelador: 1. Salões sociais: 6.

Cerimônias nupciais: 67; ofícios fúnebres: 36; batismos de crianças: 812; sermões: 1.783. Profissões de fé: 541; celebrações da Santa Ceia: 423.

Cartas escritas: 2.375; livros lidos: 225; leituras da Bíblia inteira: 10; artigos escritos: 110; atas lavradas: 359.

Visitas domiciliares: 8.360; aulas de Escola Dominical: 347; ordenações de presbíteros: 54; de diáconos: 55; pastorais: 8.

Em um como em outro caso, o protestante europeu admirar-se-á com o pequeno número de casamentos e ofícios fúnebres celebrados: não constituindo, essas cerimônias, atos do culto, nem sempre delas participam os pastores, e pode acontecer-lhes nem sempre incluí-las em suas estatísticas.

É natural, e já o dissemos, que tal gênero de ministério, onde geralmente o pastor possui um campo muito extenso semeado de pequenas comunidades, não pode atingir o grau de eficiência que notamos no Brasil senão pelo grande auxílio que lhe é prestado pelos leigos (75). O pastor brasileiro pode, com efeito, contar com

(75). — Tanto mais que os pastores mudam freqüentemente de campo de trabalho. A Igreja Metodista fez um princípio dessa "itinerância", mas as outras denominações também a conhecem na prática. Eis, por exemplo, algumas indicações relativas a comunidades da Igreja Presbiteriana Independente (*Estandarte*, 7-1-43):

Bebedouro (São Paulo)	1905-1942	13 pastores	Média: 3 anos
Sta. Cruz Rio Pardo (São Paulo)	1887-1942	14	4
Curitiba (Paraná)	1904-1942	4	9
Campinas (São Paulo)	1903-1942	7	5
Campinas (São Paulo)	1903-1942	6	3
Juruáia (Minas)	1905-1942	16	2
Santa Rosa (São Paulo)	1921-1942	12	2
Nova Rezende (Minas)	1925-1942	8	3
Jacutinga (Minas)	1907-1942	14	2
Alpinópolis (Minas)	1932-1942	4	2

Os campos de trabalho rural são, naturalmente, os mais afetados por essas mudanças, sendo mais estáveis os pastores de cidades. (Curitiba e Campinas).

adjuntos mais ou menos dependentes d'ele, ou com presbíteros, praticamente encarregados das comunidades: em ambos os casos suas funções se resumem (além da administração dos sacramentos, cujo monopólio possui) em funções de supervisão e orientação, quase episcopais.

A característica do metodismo, desde Wesley, foi a existência de "pregadores leigos". Na Europa, e de acôrdo com a velha tradição, trata-se, na maioria das vezes, de fiéis que prestam seu auxílio quase gratuitamente. A Igreja metodista episcopal do Brasil, cujas tendências são muito administrativas, transformou em "provisionados" êsses evangelistas, que são, de fato, pastores de segunda ordem, que podem possuir, aliás, delegações pastorais para administrar os sacramentos e que, no término de um certo número de anos de bons serviços prestados, poderão aceder ao pastorado regular: atualmente são em número de 114 (75a).

Recentemente, a mesma denominação acaba de aumentar seu corpo de auxiliares, apelando para o ministério feminino. Há muito tempo já, outras denominações tinham, a seu serviço, jovens e senhoras, para os trabalhos escolares e sociais: as Igrejas batistas, principalmente, formavam-nas na Escola de Trabalhadoras Cristãs de Recife. A Igreja Metodista procurou dar a seu concurso, o caráter administrativo que a distingue, adaptando às suas necessidades a instituição das Diaconisas, — conhecida na Europa, mas que lá é independente das organizações eclesiásticas, — e isso tendo em vista os trabalhos paroquiais tanto quanto o serviço escolar, social e rural. A decisão de princípio, tomada pelo Concílio Geral de 1946, passou à realização pela publicação dos "Estatutos da Ordem das Diaconisas da Igreja Metodista do Brasil" (76). Resta saber quais serão as reações diante de uma iniciativa que, inspirada em exemplos estrangeiros (entre êles o bom êxito do Exército de Salvação) acrescenta o caráter alógeno dessa denominação.

O sistema dos evangelistas especializados e pagos não pode funcionar regularmente senão em Igrejas hierarquizadas, como a Igreja Metodista Episcopal, pois êle se baseia numa diferença de valores que o protestante comum compreende mal. Nesse ponto a Igreja Metodista Episcopal é herdeira da concepção sacramental que o anglicanismo tem de seu ministério, concepção que separa claramente os ministros ordenados, únicos habilitados a distribuir os sacramentos, e os "simples pregadores". Para a maioria das denominações protestantes o pastor é, antes de tudo, o "ministro da Palavra de Deus", e todos aquêles que administram regularmente a Palavra são, de fato, pastores, de modo que uma categoria de evangelistas que repouse no fato de não terem êles estu-

(75a). — *Atas e Documentos*, de 1949, já citados.
(76). — *Expositor Cristão*, 25-8-50.

dos gerais e teológicos completos, choca-se, ao mesmo tempo, contra a noção geral de ministério e o sentimento de justiça, do mesmo modo que cria situações penosas, indícios de superioridade grandemente injustificados, de um lado, e justificados rancores, de outro. Também as Igrejas Presbiterianas não mostram inclinação alguma para êsse sistema: para 273 pastores e 90 estudantes de teologia, possui apenas 12 evangelistas e 3 colportores. Hesitam, por outro lado, em apelar para o ministério feminino, fora das atividades puramente sociais e educativas. Seus teólogos deveriam lembrar-se que os Apóstolos não proibiram às mulheres falarem nas Igrejas, mas apenas de aí contarem os segredos de sua casa (77). A nomeação de uma diaconisa pareceu perigosa às Igrejas Presbiterianas do Norte, e a única estudante de teologia diplomada por um Seminário (da Igreja Presbiteriana Independente), d. Cesarina Xavier Pinto, perturba os meios protestantes habituais pelo caráter místico de sua piedade, que ela reduziu a uma atividade absolutamente pessoal. Não parece, por outro lado, que o exemplo da reduzida atividade de certas "missionárias" tenha sido alvo da admiração dos observadores brasileiros (78).

Na sua maior parte os leigos que secundam os pastores na maioria das Igrejas protestantes são, pois, verdadeiros leigos, simples fiéis ou "oficiais" instituídos, nas Igrejas presbiterianas, como "presbíteros" ou "diáconos". Enquanto êstes últimos se ocupam da atividade beneficente e social da comunidade, os primeiros a dirigem, quer ao lado do pastor, quer nas Igrejas que não possuem pastor residente, ou nas congregações, em seu lugar. Sua importância é, de fato, tão grande, nas Igrejas que, por sua causa, elas se chamam presbiterianas, tornando-se êles, muitas vezes, uma força bem distinta, entre o pastor e os fiéis.

Chegamos, assim, à massa daqueles a quem o protestantismo brasileiro chama "crentes", expressão que afirma seu intelectualismo. Com exceção das Igrejas luteranas e episcopais, as denominações protestantes dêste país adotaram, contrariamente aos ensinamentos dos grandes Reformadores, a concepção da Igreja de "professantes" ou, como se diz aqui, de "membros professos", nas quais a manifestação, por uma "profissão de fé" expressa e solene, das profundas experiências espirituais é que faz o "membro da Igreja", e não, mesmo para as comunidades pedobatistas, a administração do batismo ou, segundo a tradição calvinista, a simples adesão à doutrina, confirmada pela boa conduta. De onde decorre, por exemplo, que certos defensores intransigentes e lógicos dessa concepção, recusaram-se a declarar, no último recenseamento, seus filhos como seguidores da mesma religião que êles, visto que êsses jovens não haviam ainda, concientemente, dado seu coração

(77). — Consulta do Rev. Galdino Moreira no Puritano (10-4-50).

(78). — Artigo já citado do Cristão (31-3-50).

a Deus (79). Tem-se, entretanto, a impressão de que a prática atenua muito a concepção "professante". A admissão dos prosélitos à profissão de fé é, muitas vezes, bem rápida, seja por uma espécie de otimismo, ou porque intervenha, inconscientemente, a preocupação de magníficos resultados e belas estatísticas: parece um pouco perigoso, sob esse ponto de vista, dar às Igrejas, em cifras, "alvos" de profissões a obter, como se fôsem somas a adicionar (80). A conseqüência é que a disciplina deve, depois, ser exercida freqüentemente, e certas comunidades perdem, por exclusão, grande parte dos "crentes" que admitiram um pouco rapidamente à profissão de fé (81). Quando se trata, por outro lado,

(79). — Ver, nesse sentido, uma carta no *Jornal Batista* de 1-6-50.

(80). — O Concílio Geral Metodista de 1946, dera como alvo o dobro dos membros professos da Igreja, em quatro anos! Os 5 ou 6.000 novos membros recrutados nesse período representam a quinta parte da cifra que havia sido administrativamente pedida (*Expositor Cristão*, de 5-1-50). As estatísticas de profissões de fé fornecidas pelos diferentes organismos regionais provocam uma emulação entre eles que pode ter apenas alguns bons aspectos.

(81). — Nos primeiros tempos das Igrejas Batistas brasileiras "a porcentagem das exclusões era bem grande em comparação com o número de membros. Quase a metade dos membros recebidos em diversas Igrejas devia ser excluído logo em seguida" (*História dos Batistas do Brasil*, t. I, pág. 118). O Presbitério presbiteriano de São Paulo, reunido em 1923, revelava 154 exclusões no ano, para 301 admissões (*Apêndices às Atas da Assembléia Geral de 1924*, pág. 83); a estatística geral dessa denominação para 1949 dá 499 eliminações e 36 "renúncias de jurisdição" para 2.936 profissões de fé de prosélitos, 1.452 confirmações de jovens nascidos e batizados na Igreja e 114 "restaurações" de membros readmitidos após exclusão. As estatísticas dos três Concílios Regionais metodistas de 1950 permitem estabelecermos o quadro seguinte, referente ao conjunto dessa denominação em 1949 (As cifras entre parêntesis representam as mulheres).

Aquisições

por batismo e profissão (prosélitos)	1.544 (868)
por profissão	1.259 (755)
pelas assembléias de igrejas	163 (94)
Total..	2.966 (1747)

Perdas

saídas voluntárias	207 (97)
medidas disciplinares	783 (386)
Total..	990 (483)

A natural discrição do relatório não nos permite conhecer os motivos das medidas disciplinares. Na maioria dos casos são elas de natureza eclesiástica, quer se trate de membros transferidos a denominações consideradas heréticas (sabatistas e pentecostais), ou de membros que não manifestem atividade alguma na Igreja ou mesmo que se tenham afastado sem deixar endereço. Daí os numerosos avisos nos jornais religiosos aos ausentes "de paradeiro ignorado": o pastor da Igreja metodista de Laranjais (Rio), tomando posse de sua paróquia cita assim, de uma só vez, 24 membros de paradeiro ignorado, por intermédio do *Expositor Cristão* (29-6-50). O costume das igrejas batistas é conceder uma prorrogação de 60 ou 90 dias a partir da publicação do aviso, antes da exclusão "por abandono aos trabalhos". Normalmente, o fiel que se transfere para uma outra comunidade da mesma denominação, ou de outra, reconhecida pela primeira como evangélica, é objeto de uma "carta demissória" ou "de transferência". Acontece que a comunidade de origem não envia essas cartas, e vemos os "crentes" interessados, ou as comunidades que os receberam, publicarem, por sua vez, avisos dando a conhecer sua admissão "por declaração (ou testemunho)" visto as cartas demissórias não serem enviadas depois de vários pedidos" ou "devido ao longo tempo que esperamos as suas cartas demissórias".

de jovens de famílias protestantes, acontece, muitas vezes, que alguns fazem sua profissão em certa idade, para agradar a seus pais, ou para seguir o costume estabelecido no seu meio. Êste conformismo é a desforra da "Igreja de multidão", e a prova de que esta é a tendência de tãda comunidade ou de tãda denominação um pouco numerosa, como acontecia nas igrejas teòricamente multitudinistas, como as do Calvinismo europeu, que se tornavam "pequenas multidões" de professantes e, logo em seguida, viam-se grandemente reduzidas no seu número. Na prática das grandes comunidades brasileiras, podemos continuar a distinguir os "crentes" e os habituados, parentes ou não, dos primeiros, "simpáticos à causa" (82): uns e outros acabam por constituir um corpo tanto eclesiástico quanto social.

Êsse corpo, que é pròpriamente a Igreja, teria como divisa, para um protestante europeu, "adorar e orar". Para o brasileiro — e não procuraremos saber se se trata, aqui, de um traço americano ou apenas de juventude espiritual — essa divisa será "aprender e trabalhar". A expressão que designa, na Europa, a suprema finalidade da Igreja é a de "culto" (ou seus equívalentes); no Brasil é "trabalho", expressão empregada mesmo pelas denominações menos ativistas, como a episcopal.

As pròprias reuniões religiosas são um "trabalho", e a expressão, por extranha que pareça a um estrangeiro, não é imprópria, pois essas reuniões constituem, antes de tudo, para o pastor, ocasião de trabalhar na salvação das almas, e para os fiéis algo semelhante a um trabalho escolar onde êle deve, acima de tudo, aprender. Freqüenta naturalmente as "escolas dominicais" das quais não participam apenas as crianças, como na Europa, mas grande parte de adultos (entre êles os membros professos e os pròprios "oficiais"), o que lhes permite exercer papel importante na instrução religiosa dos fiéis. Êstes estão de tal modo imbuidos da idéia de que esta é a parte mais importante dos exercícius espirituais que muitos dentre êles, alunos regulares e aplicados da escola dominical, não permanecem no templo para o culto, mesmo que êste se realize logo a seguir. Entretanto, o pròprio culto é, mais do que tudo, um ensinamento, reduzido que é, na maioria das vezes, a uma

(82). — Ê, naturalmente, impossível estabelecer, de maneira um pouco geral, a mínima proporção entre uns e outros. A igreja batista de Engenho de Dentro (Distrito Federal) possuía, diz-se, 38 membros em 1901, mas seus cultos reuniam, algumas vezes, 300 pessoas (*História dos Batistas*, t. I, pág. 271): havia, certamente, entre elas, muitos simples curiosos. O caso da Igreja metodista de Agua Fria (São Paulo) que, com 22 membros professos, tinha uma média de 80 presentes aos cultos deve ser bastante comum nas comunidades de vida ativa (*Expositor Cristão*, de 20-7-50).

prédica pedagógica (83), enquadrada em leituras bíblicas, preces e cânticos. O medo do formalismo religioso proscreve, comumente, tôda liturgia; os textos mais necessários, o Credo, a oração dominical, a confissão dos pecados, faltam na maioria das vèzes: um belo repositório litúrgico preparado pela Confederação evangélica não é usado senão em poucas igrejas, principalmente na comunidade "liberal" de São Paulo da qual falaremos adiante. O exemplo ritualista das comunidades episcopais, escandaliza um pouco sem convencer de modo algum (84), senão a certa comunidade metodista à qual, as vizinhanças episcopal e luterana, levaram a desejar um culto mais pomposo (85). As preces tendem a constituir uma exposição (dirigida aos fiéis) mais que uma efusão. A própria Santa Ceia não pode deixar de parecer, a um protestante europeu, despojada de uma parte de sua fôrça mística, no modo por que é realizada, por sua distribuição nas filas do público que se conserva sentado, e pelo uso dêsses "copos individuais", postos em costume pelos "higienistas, pelas pessoas escrupulosas e pelos mercadores de taças" (86). Na maioria dos cultos apenas os cânticos vêm trazer esta nota mística, enquanto não constituam apelos marciais à conversão e à ação cristã. É verdade que êles trazem alguma inquietação ao ouvinte estrangeiro, bem mal à vontade deante do sensualismo religioso que traduz, por exemplo, a extrema freqüência do termo "gôzo" espiritual. Mas, uma vez mais, êle

-
- (83). — É a tendência natural de tôda a religião no seu incio, mas é particularmente forte no Brasil: dissemos que os padres inovadores davam, à sua atividade, lugar preponderante ao ensino, e êste parece monopolizar o culto positivista, tal como podemos observar nô templo do Rio. As prédicas brasileiras estão tão afastadas dos sermões de historietas edificantes dos Estados Unidos, quanto das meditações psicoteológicas dos pastores europeus. São, também, geralmente mais longas. Themudo Lessa (*Anais*, pág. 279) narra a interessante expressão de uma senhora de Recife, a propósito de um evangelista que, por exceção, fazia sermões curtos: dizia "que êle pregava à Filemon". (Sabemos que a epístola de São Paulo a êsse apóstolo comporta apenas 25 pequenos versículos e é a mais curta do Novo Testamento).
- (84). — É raro que os cultos da Igreja episcopal sejam acompanhados pelos membros de outras denominações, mesmo em localidades onde êstes não encontrem outras.
- (85). — Ver o relatório (*Expositor Cristão*, 16, de 23-3-50) dos cultos da Igreja Metodista Central de Pôrto Alegre, por ocasião do VI Concílio Geral: "Para nós foi novidade aquêle sino de som grave a soltar revoadas de notas, da torre daquele santuário, quando se iam iniciar os trabalhos divinos. Alguém que se sentara a meu lado disse: "Até parece o padre chamando os fiéis para a missa...". Infelizmente, os templos do país ornados de campanários "góticos" logo que tenham um pouco de importância, não possuem sinos, salvo no sul. Segue-se a descrição de um belo programa musical com cantores em sobrepeliz. O pastor dessa Igreja deveria ter-se impressionado pelas solenidades do Congresso Eucarístico, cuja subvenção havia votado, como vereador.
- (86). — *Risum teneatis*, pág. 17. Este uso, aliás, não foi adotado facilmente, como nos mostra a anedota de dessa compilação de histórias protestantes, segundo a qual um pastor, querendo agradar a todos, distribuía a Santa Ceia em copos individuais e no copo comum; mas como um só membro da Igreja permanecia fiel ao velho rito, viu-se reduzido, apesar de tudo, à inovação que rejeitara. De fato, a questão produziu, principalmente em Recife, um cisma com a constituição, em 1912, de uma segunda Igreja Presbiteriana Independente, separada da Igreja Presbiteriana onde se havia introduzido, em 1909, o uso dos copos individuais (*O Estandarte*, de 7-1-43).

errou, e êsses cânticos são exatamente o que devem ser, pois foram e continuam sendo, uma das grandes atrações do culto protestante (87).

Ao lado do ensinamento, o trabalho pròpriamente dito. O velho princípio de evangelização, segundo o qual é necessário fazer alguma coisa aos convertidos e àquêles cuja conversão se espera, é, aqui, constantemente aplicado. As Sociedades de senhoras, homens, jovens e crianças são encarregadas de fazer participarem os crentes, os simpatizantes e os jovens, na vida ativa da igreja, e de os transformar, de ouvintes e alunos, em cooperadores (88).

(87). — As provas que já apresentamos, ajuntemos êstes fragmentos do relatório do pastor presbiteriano de Indianópolis (São Paulo). Em 1943: "Na falta de pregador, o côro foi o maior centro de atração da sala. Muita gente de longe vinha especialmente para ouvir os hinos". Após a compra de um harmônio: "A maior parte dos crentes da Congregação é do Estado de Minas, e os mineiros gostam de música... É o maior atrativo para os cultos. Muita gente vem de longe só para ouvir tocar o órgão, e com isto ouve o Evangelho. A velha coleção de cânticos "Salmos e Hinos" cuja iniciativa remonta a Kalley, era utilizada nas comunidades congregacionalistas, presbiterianas (de todos os ramos) e metodistas (embora estas últimas possuíssem uma coleção denominacional Aleluias, assim como os batistas possuem o *Cantor Cristão*). Uma revisão parcial desta coleção e a publicação dum *Hinário Evangélico* por uma comissão da Confederação Evangélica Brasileira deu lugar às reações que provocam sempre (até na Igreja católica) as modificações dos textos litúrgicos: é imprudente procurar mudar, mesmo para melhor, textos ou melodias aos quais se ligam experiências íntimas, e ainda mais, suprimi-los. A tentativa do *Hinário Evangélico* está comprometida, apesar de seus grandes méritos, e os *Salmos e Hinos* foram reeditados, enquanto os metodistas falam em voltar simplesmente à sua coleção denominacional. Ver principalmente o *Presbiteriano Conservador*, de abril de 1949, e o *Expositor Cristão*, de 22-9-49.

(88). — Tomemos um exemplo desta atividade da Sociedade de Senhoras da denominação batista, tomado na *História dos Batistas* (T. II, pág. 48-52). Elas começaram a aparecer em 1889, na Igreja do Rio. "Não se deu aqui o que na América do Norte se verificou, onde as senhoras crentes, começando a se organizarem em sociedades para a propagação do evangelho, foram vigiadas pelos pastores e diáconos aprensivos, afim de que elas não fizessem alguma coisa inconveniente"(?). Ao contrário, a primeira Convenção batista, reunida em 1907, reconheceu as Sociedades de Senhoras, e estas se gruparam, no ano seguinte, em uma "União Geral das Sociedades de Senhoras Auxiliadora da Convenção Batista Brasileira". "Em 1919 e 1920 houve um período que se podia chamar o de paralização e nesta época foi mudado o precioso nome para o de "Junta de Trabalho de Senhoras". O doce nome, entretanto, de princípio, apelou tanto aos sentimentos das irmãs, que, em 1922 se voltou a adotar: "União Geral de Senhoras do Brasil, Auxiliar à Convenção Batista Brasileira". É curioso ver a rapidez com que se criam as tradições. O movimento batista feminino, respondendo de novo, pelo seu antigo nome, teve, daí por diante, grande atividade. Nesse ano de 1922 começou a aparecer a *Revista das Senhoras*. As Sociedades publicaram manuais para suas atividades, o *Manual de Senhoras, Modos de ganhar almas para Cristo e Crianças Batistas*. Elas tinham cursos com diplomas(!) com o fito de tornar suas sócias propagandistas zelosas e instruídas. Encarregaram-se, em 1927, de enviar uma Instrutora aos índios de Goiaz e se interessaram, a partir do ano seguinte, pela Missão em Portugal. Mas a missão especial das Sociedades de Senhoras é a evangelização e a oração. "As irmãs brasileiras gostam de fazer visitas". Em 1928 fizeram 17.159 e 32.327 em 1929, às quais devemos ajuntar 15.192 e 30.327 reuniões de entretenimento, sem dúvida ocasionais e não premeditadas (a santidade americana não se concebe sem lapis e caderno para estabelecer suas estatísticas). Felizmente estas não se referem também às preces, mas ainda neste ponto a organização teve sua parte, com o movimento "Corrente de Oração" no qual os membros oram cada dia em favor do trabalho da denominação e o institucionalismo norte americano e católico, bem próximo um do outro, aí se encontram.

As comunidades européias possuem, também, sociedades dêsse tipo mas, na maioria das vèzes, reduzem-se a pequenos grupos: seu ideal é, aqui, enquadrar todas as pessoas mais ou menos interessadas na obra evangélica, em suas atividades práticas, e nas "classes" de sua escola dominical. Melhor ainda, multiplicam-se as responsabilidades lisonjeiras, multiplicando os cargos nas "Diretorias" dessas sociedades. Finalmente, são os seus "trabalhos" que se tornam a principal finalidade da Igreja, finalidade para a qual tende o ensino administrado pela escola dominical, pelo culto e pelas "palestras" das reuniões da noite.

Podemos distinguir, sob êsse ponto de vista, quatro espécies de atividades: evangelizadora, financeira, beneficente e social. Mais adiante falaremos da evangelização; notemos aqui que ela está, em grande parte, confiada às Sociedades. São geralmente os jovens que se encarregam das escolas dominicais e mesmo, algumas vèzes, dos cultos nas congregações e nos "pontos de pregação", enquanto as senhoras reúnem os fundos destinados a êsse fim. Em muitas comunidades é por intermédio das senhoras que se recebem as contribuições dos fiéis; e quando isso não acontece, elas têm, a seu cargo, esforços financeiros suplementares. São elas também que desempenham, como na Europa, algumas vèzes, as atividades de beneficência, principalmente as visitas aos pobres, hospitais e detentos. Finalmente, é delas que dependem as reuniões sociais, cuja finalidade é afastar os membros da igreja das distrações mundanas às quais, geralmente, êles renunciam, conservando-os intimamente unidos.

O caráter ultra-organizado e ativo que comporta a vida da igreja assim compreendida, é ainda sublinhado pelas próprias modalidades da constituição e ação dessas Sociedades. Dissemos que elas eram dirigidas pelas diretorias existentes em número superabundante. É curioso percorrer a relação dos responsáveis por cargos na Igreja Congregacional de Braz de Pina (89).

CORO: presidente, secretário de registro, secretário correspondente, tesoureiro e organista.

UNIÃO JUVENIL: superintendente, vice-superintendente, presidente, vice-presidente, secretário, 2.º secretário, tesoureiro e procurador.

UNIÃO DA MOCIDADE: Superintendente, 4 líderes de grupos, líder do Departamento de Evangelização, secretário-tesoureiro do mesmo departamento, secretário de registro, secretário correspondente, tesoureiro, procurador, diretor de música, bibliotecário, orador.

UNIÃO FEMININA: presidente, vice-presidente, 1.ª secretária, 2.ª secretária, tesoureira, tesoureira auxiliar, procuradora, oradora.

ESCOLA DOMINICAL: superintendente, vice-superintendente, 1.º secretário, 2.º secretário, secretário auxiliar, tesoureiro.

DEPARTAMENTO DO BERÇO: (90), superintendente, secretária, dois auxiliares.

(89). — O Cristão, de 31-3-50.

(90). — Que se ocupa dos pequeninos recém-nascidos ou por nascer.

DEPARTAMENTO DE CRIANÇAS: Superintendente, 2 vice-superintendentes, secretário.

DEPARTAMENTO DO LAR: superintendente, dois auxiliares.

PATRIMÔNIO: presidente, 1.º secretário, 2.º secretário, tesoureiro, procurador.

Um total de 57 cargos confiados a 39 pessoas! Diremos, mais adiante, que nisso pode residir algum formalismo administrativo. Por ora lembremos que, nessa Igreja, foram aproveitadas tôdas as boas vontades, e recompensadas com um título agradável.

Uma tal atividade eclesiástica absorve grande parte dos lares que podem ter os fiéis (91), contribuindo, assim, para uma segregação da sociedade, a respeito da qual falaremos, finalizando esta parte de nosso estudo. Toda minoria social um pouco velha tende a viver sôbre si mesma. Esta separação, que de início lhe havia sido imposta pelas reações de maioria, acaba por lhe ser cara: e, não só tira partido da situação, mas se organiza dentro dela (92). Relativamente às minorias religiosas, estas atingem, rapidamente, a autarquia confessional. Basta percorrer os periódicos evangélicos dêste país, para compreender que essa é a realidade do protestantismo brasileiro, principalmente de suas comunidades batistas, as mais intransigentes entre tôdas. A mesma tendência, menos pronunciada, entretanto, existe também, naturalmente, nas minorias da Europa. O fato de uma senhora procurar uma doméstica através do *Christianisme au XXe. siècle* de Paris, faz supor que ela prefere uma protestante: aqui, ela publicaria seu anúncio: "Senhora crente precisa de empregada para o serviço doméstico, e que seja crente". Um advogado fará saber que "precisa de sócio, com escritório e telefone no centro da cidade.

Condição: ser crente em comunhão com sua Igreja". Um hotel do Rio anunciará que oferece um "ambiente puramente familiar, com ótimo serviço de refeitório e muito próximo à Primeira Igreja Batista": é verdade que um segundo porá, gratuitamente, quartos à disposição dos pastores, para estadias pequenas fora de

(91). — O leitor estranho ao protestantismo achará significativo a relação precisa, feita pelo *O Cristão* (31-3-50) sôbre a atividade temporal e eclesiástica de um comerciante e fazendeiro, presbítero da Igreja Congregacional de Mazomba (Rio de Janeiro).

(92). — Não se trata aqui do equipamento do protestantismo brasileiro em instituições para-eclesiásticas, de beneficência e ensino. Este equipamento, normal e necessário, é, aliás, bastante incompleto. A assistência hospitalar é assegurada por uma dezena de hospitais, clínicas ou sanatórios, dependentes quer das denominações, quer das diferentes secções da Associação Evangélica Beneficente. Cumpre acrescentar os orfanatos, asilos e realizações do Exército da Salvação. Alguns desses estabelecimentos são, já, antigos, como a Policlínica Bom Samaritano, fundada em 1894, com o concurso da Igreja Presbiteriana desta cidade e principalmente das famílias da aristocracia protestante.

A importância que os missionários norte-americanos atribuíram ao ensino, e da qual já falamos longamente, valeu, para o protestantismo, considerável número de instituições educativas de toda classe e de toda espécie: apenas a Federação das Escolas Evangélicas reúne, atualmente, 62 (Puritano, de 10-3-50). Sôbre seu valor religioso e como instrumento de evangelização, ver o que dissemos no início do capítulo X.

estação; e os metodistas passando pela cidade ultra histórica de Minas sabem que devem, pelo menos, tomar suas refeições em outro hotel, de comida, aliás, excelente, e que constitui aí, se assim podemos dizer, o segundo templo de sua denominação. É o equívale do "Achetez français" (ou "inglês"...) de outros países. Conhecemos, o caso de um engenheiro francês que soube que "teria sido necessário ser protestante" para obter certa colocação, quando, entretanto, êle nem pensara em revelar que o era: êsse caso, aliás, nos mostra que a condição era discreta. Os protestantismos jovens nem sempre possuem essa discreção.

O mesmo papel de segregação e forte coesão social é desempenhado, aquí, pelo rigorismo habitual das Igrejas protestantes. É verdade que êle encerra uma disciplina natural e benéfica, contra a tendência geral à frouxidão e ao "mundanismo". Entretanto, mais ou menos concientemente, êsse "puritanismo" impõe aos crentes um tipo de vida que constitui uma espécie de uniforme moral, com tôdas as vantagens que pode possuir um uniforme honrado, do qual queremos ser dignos. Que o protestantismo leva com dignidade êsse uniforme, e que, por êsse motivo, se separa de seus compatriotas, se prova pelas exigências de um de seus organismos eclesiásticos (Convenção Regional do Noroeste das Igrejas Congregacionais) ao proibir: "1.º) plantar fumo, negociar com êle ou usá-lo em outras formas; 2.º) fabricar alcool ou tomar bebidas alcoólicas; 3.º) fazer comércio, passear ou freqüentar praias aos domingos; 4.º) assistir a teatro, cinema ou a festividades mundanas; 5.º) casar com incrédulos; 6.º) em relação às senhoras e moças, cortar o cabelo, pintar os lábios, as unhas, raspar as sobrancelhas" (93). A lista, aliás, está incompleta (94) e o mesmo jornal lembrava, em outro número (95) que, além dos cabelos cortados, um velho pregador proibia, em 1926, "braços nus, vestidos curtos até os joelhos e uso de carmim no rosto e nos lábios, e outras vaidades impróprias aos ensinamentos do Evangelho e dos Apóstolos". Que o leitor estrangeiro não sorria ante tais recomendações. Elas são seguidas e, em certos casos, não constituem sacrifícios que nada custam. Themudo Lessa conta que (96), quando pastor de Jaú (São Paulo), encontrou dificuldades em sua campanha contra a fabricação e o comércio da pinga, pois "não era pequeno o número de fabricantes de pinga na porção da seara que lhe tocou por sorte". As mesmas lutas surgem com relação à cultura do tabaco: elas levaram os batistas alemães do município de S. Luiz (Rio Grande do Sul) a se dividir em "Fumobatistas", que permitiam esta cultura,

(93). — *O Cristão*, de 31-3-50.

(94). — Foi esquecida, principalmente, a proibição da loteria e todos os jogos de azar. Esse hábito foi, recentemente, declarado incompatível com as funções de presbítero, pelo presbitério de Bahia-Sergipe (*O Puritano*, de 10-7-50).

(95). — 15/31-5-50.

(96). — *Anais*, pág. 615.

e "Batatabatistas" que a proibiam e produziam apenas batatas (97); e estas mesmas dificuldades acabam de surgir em outra denominação. Podemos, sem dúvida, observar que aos conselhos eclesiásticos cabe o encargo de conciliar um rigorismo excessivamente formal com a liberdade cristã (98): isso é menos ridículo que o antinomismo de aparato que certos protestantes da Europa julgam ao mesmo tempo desinvolto e antifarisaico.

A "guarda do domingo", finalmente, constitui um dos meios mais seguros, que as comunidades protestantes puzeram em prática, para assegurar sua coesão. Felicitamos certo dia, um pastor na França, pela unidade fraternal e comunhão de vida de seus fiéis: "Nosso culto de domingo, respondeu êle, tem lugar após o meio dia". Esta medida apenas, que impedia aos paroquianos as distrações e dispersões habituais, obrigava-os a viver em conjunto, e reforçava sua comunhão. Assim, embora nos divertamos com as historietas que os protestantes brasileiros contam a respeito de sua concepção do domingo (99), compreendamos que — à parte tôda questão de fidelidade religiosa — essa concepção faz parte de um esqueleto (ou uma carapaça) de observâncias particulares, que todo corpo social tende a possuir. Não é, aliás, uma concepção absurda, e, se a assistência ao futebol é proibida nesses dias (100), são desaconselhadas tôdas as atividades não religiosas (101), os organismos eclesiásticos sabem ser compreensivos com relação àquê-

(97). — Emílio Willems, *Aculturação dos alemães no Brasil*.

(98). — Em 1912, a Assembléia Geral Presbiteriana (*Atas*, pág. 36) discutiu se seria ou não, lícito a um presbítero, explorar um cinema; um sínodo o desaconselhara "se bem que, em princípio, esta indústria não seja condenável, caso não seja aberta aos domingos e se cuide da boa moralidade dos filmes". Sobre a admissão de fumantes à profissão de fé, um presbítero independente decidiu (*Estandarte*, de 25-2-50): "Não havendo nenhuma lei a êsse respeito, deve o caso ficar a critério dos conselhos locais, que necessitam doutrinar sempre os crentes no sentido de abandonar todos os vícios". A questão dos "oficiais fumantes" surge a cada momento. O Presbitério do Rio desaconselha as vendas e leilões nas Igrejas (*Puritano*, de 25-4-50).

(99). — "Uma mãe zangou-se com seu filho porque êle brincava com grande ruído no domingo diante da casa e mandou-o fazer barulho no quintal. O menino respondeu: "Então, é menos domingo no quintal? (*Risum teneatis*).

"Um protestante encontrou, um dia, um irmão que habitava muito longe: êste montava um belo animal. E surgiu êste diálogo: "Se não fôsse domingo eu vos perguntaria se êsse animal está à venda. — Se não fôsse domingo eu diria que sim. — E, se não fôsse domingo, quanto pediríeis por êle? — Se não fôsse domingo eu o daria por 500 cruzeiros. — Muito bem, se não fôsse domingo eu vos diria: perfeito, e viria buscá-lo ao meio dia. — Se não fôsse domingo eu receberia o dinheiro, mas podeis deixá-lo com o irmão N. É "a mesma coisa" (*Ibidem*, pág. 86).

(100). — Resposta de um presbítero da Igreja Independente a uma consulta: "Nem oficial nem simples membro de qualquer igreja sob jurisdição do presbitério pode assistir a jogo de futebol ou outro qualquer esporte ao domingo, o que é uma profanação do dia do Senhor" (*Estandarte*, de 28-2-50).

(101). — Na Assembléia Geral Presbiteriana de 1922 foi levantada a questão de saber se se podia votar aos domingos (*Apêndices às Atas*, pág. 127). O Presbitério presbiteriano de Itapemirim acaba de "recomendar às igrejas que não organizem reuniões administrativas nem assembléias gerais no Dia do Senhor" (*O Puritano*, de 25-3-50).

les que são obrigados a trabalhar aos domingos para assegurar a subsistência de sua família (102).

No seu total, uma sociedade protestante é constituída ao mesmo tempo por famílias tradicionalmente "evangélicas" (103) e por famílias recém-convertidas, que adotam imediatamente suas maneiras de agir. Felizmente, pondo-se de parte, ela sabe manter uma atitude acolhedora. Tendo conservado muitos traços da vida social católica encontra, por exemplo, poderoso meio de manter contacto e mesmo fazer conquistas nessas festas familiares, principalmente de aniversário, tão caras aos brasileiros. Quer se trate de um lar que, no seu 12.º aniversário de casamento reúne seus vizinhos e amigos em sua *bonita vivenda*, para receber uma bênção pastoral, com saborosos salgados, finos doces, *coquetel* evangélico e boa palestra (104), ou de jovens pais que reúnem "setenta pessoas na maioria não crentes" ao redor de uma criança de um ano e do pastor que a abençoa, o ideal é que se possa dizer como o noticiário deste último acontecimento: "Farta mesa de doces e gelados deu àquela boa gente mais uma prova de que nós somos um povo muito feliz" (105). Isto não é negligenciável, e esta evangelização através de salgados e *coquetéis* evangélicos (suco de tomate e de frutas), mas sobretudo pela visão de lares sã e cristãmente felizes, possui sua força, assegurando o crédito do protestantismo.

Que esse crédito seja real, vê-mo-lo pela atitude dos meios políticos. Após ter sido excluído de sua atividade, e após haver rei-

(102). — O Presbitério Independente de São Paulo perguntado sobre se uma igreja poderia receber à Profissão de fé um candidato que trabalhava aos domingos, respondeu: "O Sínodo já deliberou... declarando que o domingo deve ser observado como dia de santificação, e que nesse dia só sejam permitidas as obras de pura necessidade. Assim sendo, a Comissão entende que uma pessoa nas condições da consulta, poderá ser aceita por profissão de fé, recomendando-se, entretanto, que a mesma envide todo o esforço em obter outra colocação para poder observar o dia do Senhor, gozando de todos os seus benefícios" (*Estandarte*, de 28-2-50).

(103). — Ouve-se dizer, às vezes, — sobretudo por observadores católicos, por protestantes um pouco cansados ou por alguns de seus correligionários estrangeiros — que a fé evangélica se transmite mal nas famílias. Que elas não permaneçam sempre no mesmo grau de fervor daqueles que a introduziram, nada há de anormal: seria admirável que o protestantismo brasileiro possuísse esse privilégio desconhecido dos demais. Ele sofre, é natural, com sua teoria "professante": o filho de "crente" que não fez sua profissão é conduzido, algumas vezes, por uma falsa noção de Igreja, a pensar que não pertence a ela, e aqui é que vemos quanto a concepção "multitudinista" é mais prudente, ao mesmo tempo que mais misericordiosa. Entretanto, a maioria dos filhos de crentes fazem profissão, e é naturalmente nesse meio que se recrutam as escolas de teologia e de atividade cristã: entre os 10 alunos da 31.ª promoção da Escola Batista de Trabalhadoras Cristãs de Recife (*O Jornal Batista*, de 6-4-50) seis são expressamente mencionados como procedentes de famílias protestantes, e três pertencem a famílias conhecidas na história da denominação.

(104). — *Expositor Cristão* (27-4-50).

(105). — *Ibidem* (29-6-50).

vindicado e aguardado sua parte (106), o protestantismo possui seus representantes eleitos e seus homens políticos, alguns dos quais já citamos. Sem dúvida nada conseguiram, recentemente, contra a introdução dos crucifixos nos edifícios públicos (107) ou contra subvenções que julgavam atentatórias à neutralidade constitucional (108). Mas seus protestos foram recebidos com deferência, e foram bem acolhidas as manifestações por meio das quais alguns quiseram corresponder a essas iniciativas de caráter católico: leitura da Bíblia na Câmara Federal, envio de Bíblias ou quadros do Decálogo, às Câmaras Municipais (109). A Câmara Federal votou, a verba de 2.300.000 cruzeiros de subvenção para as obras sociais e de ensino do protestantismo (110). As próprias Igrejas batistas, que se recusam, por princípio, a aceitar tais subsídios, parecem, ao contrário, bem satisfeitas em tomar parte oficial nas cerimônias públicas (111). Finalmente, o período eleitoral que atravessamos ao escrever estas páginas, mostra que os protestantes brasileiros têm consciência de sua força e que há consciência deles ao seu redor. Pois se o "Movimento Cívico Evangélico" e a "Confederação Evangélica" recomendam ativamente: "Votai, protestantes" (112), os diferentes partidos têm o cuidado de incluir nomes

- (106). — João do Rio (*As religiões no Rio*, pág. 104-105) assegurava que o pastor da Igreja Fluminense "sonhava com o domínio temporal e a Câmara dos Deputados", pois o velho Rev. Manuel Gonçalves dos Santos garantia que logo haveria "na representação nacional um deputado evangélico".
- (107). — Discurso do deputado Camilo Ashcar, quando vereador na Câmara Municipal de São Paulo, a 10 de janeiro de 1949, publicado em brochura sob o título *Cristo na Câmara Municipal de São Paulo* (São Paulo, 1949).
- (108). — Discurso do deputado Lauro Monteiro da Cruz quando vereador na mesma Câmara, a 2 de junho de 1950, contra uma subvenção para a construção da nova catedral, publicado em brochura sob o título *Sobre o auxílio à Catedral de São Paulo* (São Paulo, 1950). Os protestantes ficaram, em geral, admirados ao ver um pastor metodista vereador de Porto Alegre, votar a subvenção municipal ao grande Congresso Eucarístico realizado nessa cidade.
- (109). — Este último episódio deu-se em Resplendor (Minas), onde o município conta 3.000 protestantes, com um pastor que é vice-presidente da Câmara: *Puritano* (10-7-50).
- (110). — Lista dessas subvenções no *Expositor Cristão* (de 15 de dezembro de 1949).
- (111). — Principalmente a parada patriótica celebrada na Bahia a 2 de Julho (*O Jornal Batista*, de 27-7-50). Por outro lado o protesto no *Presbiteriano Conservador* (janeiro de 1950) contra a inclusão de um "culto de gratidão" entre os "festejos" (desfile escolar, missa, churrasco, partida de futebol) que assinalaram, numa cidade do estado de São Paulo, o lançamento da pedra fundamental duma casa de saúde.
- (112). — O Movimento Cívico Evangélico, de origem paulista, publicou diversos apelos na imprensa política e protestante (principalmente no *Batista Paulistano* de abril de 1950). Um deles foi distribuído um domingo, à entrada dos cultos, o que provocou vivos protestos de um pastor metodista contra essa violação do dia do Senhor (*Expositor Cristão*, de 11-5-50).

De maneira geral, as organizações eclesiásticas desaconselham ou proíbem aos pastores, a candidatura (entre outras decisões do Concílio Regional metodista do Norte, de 1947, *Atas e Documentos*, pág. 77; do Presbitério presbiteriano do Rio, *O Puritano* de 25-4-50) o que produziu protestos em nome do livre exercício dos direitos cívicos.

“evangélicos” em suas listas, para se beneficiarem de um apóio que não deve ser menosprezado (113).

(Continua no próximo número)

ÉMILE-G. LÉONARD

Antigo professor de História da Civilização Moderna e Contemporânea na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Diretor de estudos na Escola de Altos-Estudos — Ciências Religiosas (Paris).

(113). — Não conhecemos, em sentido contrário, senão um discurso do início do período eleitoral, no qual o governador do Estado de São Paulo, cujo mandato terminava, referiu-se violentamente a Lutero como responsável pelas dificuldades atuais: houve resposta da imprensa protestante (principalmente no *O Puritano*, de 25-7-50).